

Apartheid contra palestinos volta a explodir em Israel

Paulo Pinto/Agência Brasil



“Privatização piora a vida e o bolso do povo”, denunciam os funcionários em greve no Metrô, CPTM e Sabesp

Os trabalhadores do Metrô, CPTM e Sabesp iniciaram o dia em greve na terça-feira (3) contra a privatização das empresas, pretendida pelo governo Tarcsio de Freitas. “Todos os dias a população está sofrendo nas linhas privatizadas”, afirmou a presidente do Sindicato dos Metroviários, Camila Lisboa. **Página 5**

Ginástica Artística faz Brasil ter inédito desempenho na história do Mundial

O Brasil fechou neste domingo (8) o Mundial da Antuérpia com recorde de seis medalhas, sendo um ouro, três pratas e dois bronzes, o melhor desempenho da história do país. Com isso, a grande estrela Rebeca Andrade escreveu mais um capítulo da história da ginástica artística do Brasil. A ginasta de 24 anos abriu o último dia de competições do Mundial da Antuérpia com um bronze na trave, único pódio que lhe faltava no currículo. **Página 4**

75 mil servidores da saúde nos EUA em greve contra o arrocho

75,000 trabalhadores da prestadora de serviços de saúde, Kaiser Permanente, incluindo médicos, enfermeiros, técnicos de UTIs e farmacêuticos, entraram em greve nesta quarta-feira (dia 4) nas centenas de hospitais nos Estados da Califórnia, Colorado, Washington, Oregon, Virgínia e na capital, Washington DC. É a maior greve do setor de Saúde da história dos Estados Unidos, segundo os sindicatos. **Pág. 6**

HORA DO POVO

ANO XXXIII - Nº 3.926 11 a 17 de Outubro de 2023



Nas bancas toda quarta e sexta-feira

Estabelecer o Estado Palestino é a saída para o conflito, afirma a China

Em comunicado no domingo (8), Wang Wenbin, porta-voz do Ministério das Relações Exteriores da China, exortou ao “fim imediato às hostilidades para proteger os civis e evitar maior deterioração da situação”, diante dos “conflitos ferozes entre Israel e os grupos armados palestinos na Faixa de Gaza”. A saída do conflito reside “na implementação da solução de dois Estados e no estabelecimento de um Estado independente da Palestina”. A China chamou a comunidade internacional a agir com urgência pela “rápida retomada das conversações de paz entre a Palestina e Israel”. **Pág. 7**

Governo dos EUA está de olho nos minerais críticos brasileiros

Divulgação/Luara Baggi



Luciana Santos e Daniel Filmus, ministros da Ciência e Tecnologia do Brasil e da Argentina, e a presidente do CNEA, Adriana Serquis. Acordo foi assinado durante a visita da ministra Luciana Santos, ao país

Brasil e Argentina firmam parceria para a produção de radioisótopos

Insumo é usado para diagnóstico e tratamento de enfermidades como o câncer

O Brasil e a Argentina assinaram na sexta-feira (6) um acordo bilateral de cooperação na área de energia nuclear que permitirá avançar na construção do Reator Multipropósito Brasileiro (RMB), em Iperó (SP). O acordo foi assinado durante a visita da ministra da Ciência, Tecnologia e Inovação, Luciana Santos, à Argentina. “A Argentina tem competência reconhecida internacionalmente no desenvolvimento de plantas de produção de radioisótopos, e queremos contar com essa experiência na construção do nosso Reator Multipropósito Brasileiro”, declarou Luciana Santos. O acordo prevê a implantação de uma nova planta de fabricação de radioisótopos e estabelece a contratação da empresa argentina Invap para dar sequência ao projeto. O valor do contrato é de R\$ 12 milhões. **Página 2**

“Em minerais críticos, o Brasil tem grandes reservas”, afirmou o subsecretário de Estado para Crescimento Econômico, Energia e Meio Ambiente dos EUA, José Fernandez, em entrevista à BBC News Brasil. “E, por isso, estamos preparados para incentivar esse tipo de empresa”, acrescentou. “O Brasil tem minérios e americanos têm recursos para investir”. A afirmação confirma a estratégia dos EUA de se apoderar dos minerais críticos (lítio, níquel, cobalto) do Brasil e de outros países em sua guerra contra a China. **Página 3**

Povo palestino merece paz, diz PCdoB em nota

A direção nacional do PCdoB emitiu nota condenando a violência do governo de Israel contra os palestinos “como resposta ao contra-ataque, organizado pelo Hamas, a partir da Faixa de Gaza, nas últimas horas”. “A única maneira de construir a paz na região é a solução dos dois Estados, israelense e palestino, em convivência respeitosa”, afirma o PCdoB. “Sair do imobilismo e buscar propostas para a paz devem ser os objetivos a serem perseguidos no imediato momento”. **Página 3**

Senadores bolsonaristas planejavam dar golpe nos trabalhadores

O senador Styvenson Valentim, do Podemos (RN), é o autor do projeto de lei 2099/23, aprovado na terça-feira (3), na Comissão de Assuntos Econômicos (CAE), que altera a CLT. **Página 5**

Brasil e Argentina criam parceria para a produção de radioisótopos



Os ministros de Ciência e Tecnologia da Argentina e do Brasil, Daniel Filmus e Luciana Santos, com os presidentes da CNEA, Adriana Serquis, e da CNEN do Brasil, Francisco Rondinelli Júnior

Ipea: investimentos em máquinas e equipamentos caem 1,5% em julho

Os investimentos seguiram em queda em agosto deste ano, segundo o Indicador de Formação Bruta de Capital Fixo (FBCF) do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea).

No mês, o índice apontou um recuo de 1,5% nos investimentos em máquinas e equipamentos, na construção civil e em outros ativos, em comparação com julho e junho deste ano.

“O resultado sucedeu à baixa verificada no mês anterior, quando o indicador recuou 0,7%. Com isso, o trimestre móvel encerrado em julho registrou queda de 0,2% na comparação dessazonalizada. Vale notar que o indicador se situa 17,6% abaixo do máximo atingido na série, verificado em abril de 2013”, destacou o Ipea em nota. Em maio cresceu 2,4%. Frente aos mesmos períodos de 2022, o indicador mensal apresentou quedas de 6,5%, em julho, e de 3,1%, no trimestre móvel. Em relação aos primeiros sete meses de 2022, o resultado também ficou no negativo (-1,8%). Já no acumulado dos últimos doze meses, os investimentos totais cresceram apenas 0,8% em julho.

“Na comparação com ajuste sazonal [no caso, afastando as variações típicas para os determinados períodos do ano] – os investimentos em máquinas e equipamentos – medidos segundo o conceito de consumo aparente, que corresponde à produção nacional destinada ao mercado interno acrescida das importações – apresentaram um recuo de 4,0% em julho, encerrando o trimestre móvel com alta de 1,1%”, constatou o Ipea.

Esses recuos apontados pelo indicador de investimento refletem a restrição ao crédito que está sendo provocada pela manutenção da política de juros altos estabelecida pelo Banco Central (BC), por meio da taxa básica de juros (Selic), hoje em 12,75% ao ano.



Frente à política monetária restritiva do BC, a atividade econômica do país cresceu 0,9% no 2º trimestre de 2023, demonstrando uma desaceleração frente ao trimestre anterior, período em que o PIB registrou alta de 1,8%. Neste período, a indústria variou positivamente 0,9%, com destaque para o baixo desempenho da indústria de transformação, alta de 0,3% frente ao trimestre anterior. No primeiro semestre, a indústria de transformação recuou -1,3% em relação ao 1º semestre de 2022.

Os investimentos em máquinas e equipamentos ficaram praticamente parados no 2º trimestre de 2023, ao registrarem apenas 0,1% frente ao trimestre anterior, época que tombaram -3,4% em relação ao 1º tri de 2023. Em comparação com o mesmo período de 2022, os investimentos recuaram 2,6% e, no semestre de 2023, ficaram -0,9% abaixo do pico atingido no semestre de 2022.

Assim, a taxa de investimento ficou em 17,2% do PIB no segundo trimestre de 2023, ficando abaixo dos 18,3% observados no mesmo período do ano anterior. “O nível elevado dos juros pode ter papel relevante em explicar o mau desempenho da demanda por investimentos e da atividade manufatureira”, afirmaram os técnicos do Ipea, Leonardo Mello de Carvalho e Julia de Medeiros Braga, na nota técnica do Ipea “Desempenho do PIB no segundo trimestre de 2023”.

JUROS ELEVADOS

De acordo com o BC, no 2º trimestre de 2023, as novas concessões de crédito somaram R\$ 1.445,2 bilhão, uma diminuição real de -0,9% em relação a igual trimestre de 2022, já descontada a inflação segundo o IPCA.

Ao analisar este dado, o Instituto de Estudos para o Desenvolvimento Industrial (IEDI) destaca que a retração foi puxada principalmente pelas operações de crédito das pessoas jurídicas (-5,2%). Entre as principais modalidades desta parcela do crédito, destacam-se os recursos de aquisição de outros bens (-24,1%).

“Os juros têm sido um obstáculo para o crédito fluir pelo sistema econômico. Nas novas concessões, a média real das taxas de empréstimo no 2º trim/23 atingiu 27,3% ao ano (a.a.), implicando elevação de +13 p.p. ante o 2º trim/22 e de +2,5 p.p. frente ao trimestre precedente. No período jan-jun/23, a média real de juros registrou alta de 11,9 p.p. ante igual período do ano de 2022. Tanto o crédito às empresas como o crédito às famílias tiveram avanços de dois dígitos no período”, diz o IEDI, em nota.

Leia mais: <https://horadopovo.com.br/com-juros-altos-investimentos-em-maquinas-e-equipamentos-caem-15-em-julho-registra-ipea/>

Brasil e China concluem 1ª operação comercial com as moedas nacionais

O Brasil e a China completaram a realização da primeira operação comercial em moedas locais, yuan (RMB) e real. O início da transação ocorreu no dia 25 de agosto, por meio da empresa Eldorado Brasil, que embarcou 43 contêineres com celulose no Porto de Santos para o de Qingdao, cidade portuária situada na província de Shandong, no leste da China. A conversão de yuan para o real e a disponibilidade dos recursos para a companhia de celulose foram efetuados no final de setembro.

O diretor Financeiro e de Relações com Investidores da Eldorado, Fernando Storchi, disse que a transação de exportação foi um teste e contou com o apoio do Banco da China Brasil, uma subsidiária do quarto maior banco estatal chinês. Segundo o executivo, o objetivo da companhia é abrir novas linhas de crédito no país asiático. A China é responsável por 40% das vendas da Eldorado Brasil.



Em visita à China, o presidente Lula com o presidente Xi Jinping em abril deste ano. Foto: Ricardo Stuckert/PR

Nos principais órgãos de mídia da China (estatal CCTV, Weibo, Singapura e Taipé) a operação foi festejada como mais um “marco na história do comércio sino-brasileiro, que fornecerá os caminhos para mais empresas”.

Em abril deste ano, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva e o presidente da China,

Insumo é usado para diagnóstico e tratamento de enfermidades como o câncer. Acordo foi assinado durante a visita da ministra da Ciência, Tecnologia e Inovação, Luciana Santos, ao país

O Brasil e a Argentina assinaram nesta sexta-feira (6) um acordo bilateral de cooperação na área de energia nuclear que permitirá avançar na construção do Reator Multipropósito Brasileiro (RMB), em Iperó (SP). O acordo foi assinado durante a visita da ministra da Ciência, Tecnologia e Inovação, Luciana Santos, à Argentina.

“A autonomia nessa área é fundamental, considerando as diversas aplicações na pesquisa e na saúde, mas sobretudo na grande demanda por radioisótopos na medicina nuclear para o tratamento de enfermidades e para exames de diagnóstico”, diz o documento.

De acordo com o ministério de Ciência e Tecnologia, a Argentina é parceira estratégica do Brasil no desenvolvimento do RMB, e o acordo prevê a construção de nova planta de produção de radioisótopos, associada ao RMB.

“A Argentina tem competência reconhecida internacionalmente no desenvolvimento de plantas de produção de radioisótopos, e queremos contar com essa experiência na construção do nosso Reator Multipropósito Brasileiro”, declarou a ministra Luciana Santos.

A cooperação nuclear faz parte da aliança estratégica entre Brasil e Argentina lançada durante viagem ao país vizinho em janeiro.

“Para alcançarmos a soberania em área tão estratégica, necessitamos de um planejamento com ações de curto, médio e longo prazo e de parcerias que completem as expertises de cada país”, manifestou a ministra brasileira.

Com o RMB o Brasil poderá se tornar autossuficiente na produção de radioisótopos e radiofármacos, possibilitando diagnósticos mais precisos e tratamentos de doenças como o câncer, além de aplicações em problemas

cardíacos, entre outras.

O acordo prevê a implantação de uma nova planta de fabricação de radioisótopos e estabelece a contratação da empresa argentina Invap para dar sequência ao projeto. O valor do contrato é de R\$ 12 milhões.

REATOR MULTIPROPÓSITO BRASILEIRO

O Reator Multipropósito Brasileiro (RMB) será o mais importante centro de pesquisa brasileiro para aplicações da tecnologia nuclear em benefício da sociedade. Com investimentos previstos no valor de R\$ 1 bilhão até 2026, oriundos do Fundo Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FNDCT). A iniciativa está incluída no Novo PAC.

Além da planta de produção de radioisótopos, a parceria com Argentina envolve projetos conjuntos de pesquisa e desenvolvimento e ações que beneficiarão toda a cadeia produtiva da indústria nuclear nos dois países.

O Memorando de Entendimento foi firmado pelos presidentes da Comissão Nacional de Energia Nuclear do Brasil (CNEN), Francisco Rondinelli Júnior, e da Comissão Nacional de Energia Nuclear da Argentina (CNEA), Adriana Serquis.

O ministro da Ciência, Tecnologia e Inovação da Argentina, Daniel Filmus, comemorou a cooperação bilateral. Ele citou as áreas prioritárias de atuação dos dois países, como o SABIA-Mar, e também mencionou o Centro Latino-Americano de Biotecnologia (CABBIO) e as recentes notícias de que Argentina foi selecionada pela Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS) para realizar vacina de RNA mensageiro. “Queremos iniciar um satélite meteorológico latino-americano junto com o Brasil e com o apoio de mais países da região”, declarou Filmus.

Indústria necessita de R\$ 456 bi por ano para retomar o patamar da década de 70, diz Fiesp

Para a indústria de transformação recuperar a produtividade que foi atingida na década de 70, serão necessários investimentos sustentados e acelerados da economia brasileira, perpassa pela retomada dos investimentos na indústria brasileira”, defendeu a entidade.

Quando desconsiderando o setor de fabricação de produtos derivados do petróleo e de biocombustíveis (que centralizam hoje a maior parcela dos investimentos), se conclui que há uma lenta renovação do estoque de capital na indústria de transformação, segundo o estudo.

No período de 1996 a 2014, o estoque de capital do setor registrou um crescimento em torno de 1,9% ao ano, em média. Já no período de 2015 a 2021, o caminho foi inverso, houve uma longa queda, com variação negativa de cerca de 0,6% ao ano.

“O potencial da indústria de transformação em termos de produtividade, geração de empregos de qualidade (maior formalização e remuneração), capacidade de difusão do progresso tecnológico e de multiplicar os efeitos entre as demais cadeias produtivas colocam o segmento como essencial para o desenvolvimento nacional. Por isso, é estratégico que o setor recupere o dinamismo do passado”, conclui a Fiesp.

Leia mais no HP: <https://horadopovo.com.br/industria-de-r-456-bi-anuais-para-retomar-produtividade-diz-estudo-da-fiesp/>

“Hoje o investimento é de apenas 2,6% do PIB, para cobrir a depreciação é necessário pelo menos 2,7%”, apontou a Fiesp no documento. “A deterioração do estoque de capital acende um sinal de alerta para o



Rodolfo Saboia, em audiência no Senado Diretor-geral da ANP defende a exploração da Margem Equatorial

O diretor-geral da Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP), Rodolfo Saboia, defendeu a exploração do petróleo na Margem Equatorial brasileira – uma nova fronteira com grande potencial para exploração e produção de petróleo e gás, que se estende do Oiapoque no Amapá ao extremo do litoral do Rio Grande do Norte.

A Margem Equatorial “é a única nova fronteira com perspectiva de substituir a produção que vem hoje do pré-sal”, disse o diretor-geral da ANP, na audiência pública realizada na terça-feira (3) pela Comissão de Serviços de Infraestrutura (CI) do Senado.

Autossuficiente em petróleo, o país exporta hoje um volume de 1,5 milhão de barris por dia, frente a um total de 3,5 milhões de barris produzidos em território nacional. Para Saboia, não explorar esses novos recursos condicionará o Brasil a retomar a dependência do petróleo estrangeiro.

“Será basicamente a escolha entre continuar exportando 1,5 milhão de barris ou voltarmos a sermos importadores se nada fizermos”. “É nesse sentido que a exploração da Margem Equatorial ganha relevância”, alertou Rodolfo Saboia.

Segundo o diretor da ANP, “suprimir a oferta” de petróleo, em prol do pensamento atual da transição energética, só vai resultar em uma elevação dos custos da energia, e quem sairá mais prejudicado são os “mais pobres”. Ele também destacou que a “visão romântica” sobre a transição energética caiu por terra após a guerra na Ucrânia, já que a segurança energética global demonstrou “complexidade” devido ao elevado nível de dependência que os países têm dos combustíveis fósseis.

“Havia uma visão romântica de que íamos passar dos combustíveis fósseis para os renováveis, e que isso ia ser suave, todos iriam ser felizes no dia seguinte”, disse. “Não vai ser nada disso. Vai ser uma transição cara. Não vai impactar somente a forma como a gente se locomove, vai impactar como a gente se alimenta, se veste, a nossa vida de maneiras inimagináveis”, alertou.

“Diferentemente de transições energéticas passadas, que foram movidas pela eficiência econômica, essa vai ser movida por um impulso ambiental. Requer a substituição de algo que é eficiente hoje, o combustível fóssil, por algo que não é, mas que não impacta o meio ambiente”, explicou Saboia, afirmando que não há uma “bala de prata” para substituir os combustíveis fósseis.

A atividade exploratória na Margem Equatorial tem sido foco de debate na sociedade brasileira após o Ibama negar o pedido de licenciamento ambiental para a Petrobrás, que busca realizar estudos de pesquisa de exploração de petróleo em um dos blocos situados na bacia do Amapá Águas Profundas, também chamada por Foz do Amazonas, região que recebeu prioridade pela estatal por ser mais próximo da Guiana, que já explora petróleo no seu lado da Margem Equatorial.

A Petrobrás possui seis blocos na bacia do Amapá Águas Profundas, incluindo o bloco FZA-M-59 que teve a licença negada, que está a cerca de 175 quilômetros da costa do Amapá, a mais de 500 km da foz do rio Amazonas e a 2.800 metros de profundidade – o que traz dificuldades significativas para o risco de uma possível contaminação do Amazonas, em caso de um vazamento de petróleo.

Na última semana, o Ibama liberou a licença ambiental que permite a Petrobrás perfurar poços em águas profundas na Bacia Potiguar, que também fica na Margem Equatorial brasileira – entre o Rio Grande do Norte e Ceará.

Segundo a Petrobrás, a perfuração dos poços Pitú Oeste e Anhangá, localizados nos blocos de exploração BM-POT-17 e POT-M-762, está prevista para ser iniciada nas próximas semanas, após a chegada da sonda na locação.

Escreva para o HP
horadopovo@horadopovo.com.br

HP
HORA DO POVO
é uma publicação do
Instituto Nacional de
Comunicação 24 de agosto
Rua Mazzini, 177
Cambuci - CEP: 01528-000
São Paulo-SP
E-mail: inc24agosto@gmail.com
C.N.P.J 23.520.750/0001-90

Editor-Geral: Clóvis Monteiro Neto
Redação: fone (11) 2307-4112
E-mail: horadopovo@horadopovo.com.br
E-mail: comercial@horadopovo.com.br
E-mail: hp.comercial@uol.com.br
Redação: Rua Mazzini, 177 - São Paulo - CEP: 01528-000

Sucursais:
Rio de Janeiro (RJ): IBCS - Rua Marechal Marques Porto 18, 3º andar, Tijuca - Fone: (21) 2264-7679
E-mail: hpri@oi.com.br
Brasília (DF): SCS Q 01 Edifício Márcia, sala 708 - CEP 70301-000
Fone-fax: (61) 3226-5834. E-mail: hp.df@ig.com.br
Belo Horizonte (MG): Rua Mato Grosso, 539 - sala 1506 Barro Preto CEP 30190-080 - Fone-fax: (31) 271-0480
E-mail: horadopovomg@uol.com.br
Salvador (BA): Fone: (71) 9981-4317 - E-mail: horadopovobahia@oi.com.br
Recife (PE): Av. Conde da Boa Vista, 50 - Edifício Pessoa de Melo, sala 300 - Boa Vista - CEP 50060-004
Fones: (81) 3222-9064 e 9943-5603
E-mail: horadopovo@yahoo.com.br
Belém (PA): Avenida Almirante Barros/Passagem Ana Deusa, 140 Curú-Utinga - CEP 66610-290. Fone: (91) 229-9823
Correspondentes: Fortaleza, Natal, Campo Grande, Rio Branco, João Pessoa, Cuiabá, Porto Alegre, Florianópolis e Curitiba.

www.horadopovo.com.br



Manifestação em defesa da Palestina

O povo palestino merece paz, afirma o PCdoB em nota

A direção nacional do PCdoB emitiu nota condenando a violência do governo de Israel contra os palestinos “como resposta ao contra-ataque, organizado pelo Hamas, a partir da Faixa de Gaza, nas últimas horas”.

“A única maneira de construir a paz na região é a solução dos dois Estados, israelense e palestino, em convivência respeitosa”, afirma o PCdoB.

A legenda denuncia no texto que “esta guerra já está em curso há muitos anos e há três décadas os palestinos fizeram concessões importantes, nos chamados Acordos de Oslo, nunca cumpridos por Israel, que garantiam negociações pacíficas como caminho para o estabelecimento de um Estado Palestino independente, com fronteiras internacionalmente reconhecidas”.

“De lá para cá, não apenas tal promessa foi esquecida como o pouco que restava do território palestino foi sendo ocupado por assentamentos ilegais promovidos pelo Estado israelense, diante da inércia das Nações Unidas”, diz o partido no documento.

Leia a nota na íntegra:

O PCdoB condena os ataques realizados por determinação do primeiro-ministro de Israel, Benjamin Netanyahu, contra a Palestina, como resposta ao contra-ataque, organizado pelo Hamas, a partir da Faixa de Gaza, nas últimas horas, e que atingiu áreas civis e militares.

Lamentamos e nos solidarizamos igualmente com todas as vítimas desta escalada, israelenses e palestinas, mas não igualamos as responsabilidades.

Esta guerra já está em curso há muitos anos e há três décadas os palestinos fizeram concessões importantes, nos chamados Acordos de Oslo, nunca cumpridos por Israel, que garantiam negociações pacíficas como caminho para o estabelecimento de um Estado Palestino independente, com fronteiras internacionalmente reconhecidas.

De lá para cá, não apenas tal promessa foi esquecida como o pouco que restava do território palestino foi sendo ocupado por assentamentos ilegais promovidos pelo Estado israelense, diante da inércia das Nações Unidas.

Tal inércia continuou diante dos cotidianos ataques e humilhações que a população palestina sofre em seu dia a dia, incluindo uma rotina de bombardeios e incursões militares.

A única maneira de construir a paz na região é a solução dos dois Estados, israelense e palestino, em convivência respeitosa. Para isso é necessário avançar no estabelecimento de um Estado Palestino viável, com as fronteiras de 1967 e tendo como capital Jerusalém Oriental.

O Brasil, como atual presidente do Conselho de Segurança da ONU, possui papel importante e prontamente convocou uma reunião de emergência com menção à solução dos dois Estados.

Sair do imobilismo e buscar propostas para a paz devem ser os objetivos a serem perseguidos no imediato momento.

Direção Nacional do PCdoB

EUA estão de olho para rapinar os minerais críticos do Brasil



O subsecretário dos EUA para Crescimento Econômico e Energia, José Fernandez

Lula defende Estado Palestino e afirma que “não poupará esforços para evitar a escalada do conflito”

O presidente Lula comentou, em suas redes sociais, os combates no sul de Israel e disse que “o Brasil não poupará esforços para evitar a escalada do conflito”.

Lula defendeu um trabalho internacional para que sejam feitas negociações que desaguem na “existência de um Estado Palestino economicamente viável, convivendo pacificamente com Israel dentro de fronteiras seguras para ambos os lados”.

“O Brasil não poupará esforços para evitar a escalada do conflito, inclusive no exercício da Presidência do Conselho de Segurança da ONU”, escreveu Lula.

“Conclamo a comunidade internacional

a trabalhar para que se retomem imediatamente negociações que conduzam a uma solução ao conflito que garanta a existência de um Estado Palestino economicamente viável, convivendo pacificamente com Israel dentro de fronteiras seguras para ambos os lados”, acrescentou.

Os ataques do Hamas começaram no sábado (7). O governo de Benjamin Netanyahu, primeiro-ministro de Israel, já anunciou que vai atacar a Palestina com ainda mais força do que vinha fazendo.

Segundo Netanyahu, Israel usará de mais violência e diz que agora está “em guerra” e “o inimigo pagará um preço que nunca viu”.

Jandira Feghali: “é preciso que Israel cumpra as resoluções da ONU, desocupe Gaza e Cisjordânia”

A deputada federal Jandira Feghali (RJ), líder da bancada do PCdoB na Câmara, afirmou que a retomada da guerra entre Israel e Palestina é “fruto da ocupação da Faixa de Gaza e Cisjordânia” por parte de Israel e defendeu que a paz seja negociada entre os dois países.

Jandira também é vice-líder da Federação Brasil da Esperança (PCdoB, PT e PV) na Câmara.

“Décadas de conflitos, milhares de mortos e feridos. Desoladora a onda de violência entre Israel e Palestina que deixa mais vítimas e aprofunda a falta de diálogo para negociações que permitam um cessar fogo dessa tragédia que paira sobre o povo, fruto da ocupação da Faixa de Gaza e Cisjordânia e o não reconhecimento do Estado Palestino por Israel”, disse.

“É preciso que Israel cumpra as resoluções da ONU e tire os pés da Palestina. É premente construir acordos de paz que garantam res-

peito as diferenças políticas e religiosas e convivência harmoniosa entre seus povos. Basta de rastros de destruição, desesperança e dor. A paz é fundamental!”, publicou a parlamentar em suas redes sociais.

“Que esses bombardeios e ataques cessem o quanto antes, parando esse ciclo terrível contra os dois povos, que vivem mais de 70 anos de instabilidades. Nossa solidariedade aos feridos e aos familiares dos milhares de mortos, e também aos brasileiros desaparecidos e feridos e a toda comunidade brasileira em Israel e na Palestina. Cessar fogo já!”, escreveu.

Depois de ataques do Hamas, grupo armado palestino, contra diversos pontos de Israel, o primeiro-ministro israelense, Netanyahu, anunciou uma ofensiva ainda mais agressiva sobre os territórios ocupados.

O Brasil, que atualmente preside o Conselho de Segurança da ONU, convocou uma

reunião de emergência para discutir o conflito. A reunião fechada deverá ocorrer neste domingo (8).

Em nota, o Brasil afirmou que “não há justificativa para o recurso à violência, sobretudo contra civis”, e demandou “todas as partes a exercerem máxima contenção a fim de evitar a escalada da situação”.

O Brasil “reitera seu compromisso com a solução dos dois Estados, com Palestina e Israel convivendo em paz e segurança, dentro de fronteiras mutuamente acordadas e internacionalmente reconhecidas”.

O presidente Lula, em comentário publicado em suas redes, defendeu um trabalho internacional para que sejam feitas negociações que desaguem na “existência de um Estado Palestino economicamente viável, convivendo pacificamente com Israel dentro de fronteiras seguras para ambos os lados”.

Mensagens de assessora mostram que Torres tentou forjar ligação do PT com facções

A delegada da Polícia Federal Marília Ferreira, ex-braço direito de Anderson Torres, apontou que “havia uma certa pressão” após o primeiro turno das eleições para que ela indicasse uma relação do PT com facções criminosas. A mensagem foi encontrada, segundo a Folha de S. Paulo, em seu celular que está de posse da CPMI do golpe.

O texto escrito em primeira pessoa descreve a mobilização do Ministério da Justiça diante da “ocupação” de Torres com

o Nordeste – em especial com a Bahia, estado que deu a Lula (PT) mais de 72% dos votos válidos, o segundo maior percentual do país. O texto estava no bloco de notas do celular de Marília, entregue pela Apple à CPI.

“Havia uma preocupação do ministro com o Nordeste e ele falava muito na Bahia, pois havia visto no mapa com o planejamento do primeiro turno que havia muito pouca distribuição de equipes no interior da Bahia. Desde antes do

primeiro turno a DINT [Diretoria de Inteligência] recebia dezenas de vídeos e postagens de pessoas, a maioria delas fake news, sobre compra de votos e ligação do PT com facções criminosas”, diz trecho do texto.

“Havia uma certa pressão para que eu fizesse um relatório que indicasse a relação do PT com facções criminosas, pois havia alguns indicativos disso, mas não fizemos porque não havia comprovação”, diz outro trecho do texto.

“Em minerais críticos, o Brasil tem grandes reservas, o que quer é capital”, disse o subsecretário de Estado para Crescimento Econômico, Energia e Meio Ambiente dos EUA, José Fernandez

Em entrevista à BBC News Brasil após o encontro bilateral entre o presidente Lula e Joe Biden na ONU, o subsecretário de Estado para Crescimento Econômico, Energia e Meio Ambiente dos EUA, José Fernandez, afirmou que o país pretende aportar recursos diretamente no Brasil em setores como a extração dos chamados “minerais críticos” – cobalto, lítio e níquel, entre outros – fundamentais para a fabricação de baterias de veículos elétricos, por exemplo.

“Em minerais críticos, o Brasil tem grandes reservas, o que quer é capital, empresas que estejam preparadas para fazer a coisa certa ao trabalhar com as comunidades, para garantir que elas respeitem os direitos trabalhistas e o meio ambiente. E, por isso, estamos preparados para incentivar esse tipo de empresa”, acrescentou o representante do governo americano.

Na semana passada, o Departamento de Estado dos EUA remeteu ao Brasil cerca de 40 empresários, numa visita organizada pela equipe do enviado especial dos EUA para o clima, John Kerry, e batizada de GreenTech Mission. Entre as empresas americanas representadas na visita estavam 3M, Bayer, Boeing, Cargill, GE, Merck e Kellogg. Havia ainda funcionários da EximBank, agência de crédito à exportação dos EUA; dos departamentos de Agricultura, de Energia, dentre outros.

“O Brasil tem minérios e americanos têm recursos para investir”, diz subsecretário de Estado dos EUA. Ele afirmou que os EUA querem aportar recursos diretamente no Brasil na extração de minerais críticos. Os recursos poderiam vir, segundo ele, do chamado Inflation Reduction Act (IRA, na sigla em inglês), um pacote climático proposto pela atual gestão, já chancelado pelo legislativo, e que destina US\$ 369 bilhões para apoiar a transição energética e o desenvolvimento de tecnologias verdes ao país.

Dificilmente, porém, esses recursos poderiam ser usados no Brasil porque o texto aprovado pelo Congresso americano diz que, somente países com acordos de livre-comércio com os EUA poderiam reclamar tais investimentos. Os dois lados anunciaram a criação de um grupo de trabalho — que do lado brasileiro será levado a cabo pela Fazenda — para propor saídas que permitam que ao menos parte desse recurso desembarque no Brasil.

O próprio José Fernandez foi claro de que os objetivos americanos estão centrados nos minérios. “Acho que estamos começando a conversa e isso é um pouco fora da minha especialidade. Grande parte

Consórcio estrangeiro briga para explorar potássio na Amazônia

A empresa Potássio do Brasil, uma subsidiária da Brazil Potash Corp, que tem capital inglês, australiano, canadense e brasileiro, está brigando para extrair potássio na Amazônia.

O presidente da empresa, Adriano Espescht, procurou ministros para apresentar o projeto de exploração de potássio em Autazes, no Amazonas, alvo de uma decisão judicial que cancelou uma licença prévia estadual e exigiu análise do Ibama sobre o tema.

Segundo reportagem da Folha de S. Paulo, Espescht esteve em meados de setembro com o ministro Alexandre Padilha (Relações Institucionais). Em abril, se reuniu com o vice-presidente Geraldo Alckmin e com os ministros Carlos Fávaro (Agricultura) e Alexandre Silveira (Minas e Energia).

O investimento na exploração de potássio adquiriu urgência maior após a guerra da Ucrânia, grande exportadora do insumo usado como fertilizante.

O projeto está orçado em US\$ 2,5 bilhões e teria capacidade de produzir 2,2 milhões de toneladas de potássio por ano, diante de uma demanda de 13 milhões de toneladas no país.

No final de agosto, a juíza Jaiza Maria Fraxe, da Justiça Federal no Amazonas, anulou

da discussão sobre o Inflation Reduction Act centra-se nas baterias de veículos elétricos e subsídios (para produzi-las). Em relação ao Brasil, já estamos vendo os benefícios desse investimento que mencionei na Techmet”, afirmou.

Os EUA estão de olho nos minerais brasileiros porque considera que hoje, 80% desses minerais estão sob controle de países que o governo americano considera como “autocracias”. Uma das novas fontes que os americanos encontraram fica no interior do Piauí. Lá, a agência governamental americana, Development Finance Corporation (DFC), aportou algumas dezenas de milhões de dólares para a exploração de cobalto e níquel pela empresa TechMet.

“A China construiu uma posição de domínio esmagador da cadeia de abastecimento (de minerais críticos). A dependência contínua dos Estados Unidos das importações para o fornecimento de metais críticos representa uma ameaça significativa à competitividade a longo prazo da indústria americana. A TechMet, alinhada aos interesses dos EUA, está empenhada em desenvolver um fornecimento independente destes metais críticos”, diz a empresa em um comunicado em 2020 no qual anuncia o aporte de US\$25 milhões da DFC.

“Em minerais críticos, o Brasil tem grandes reservas, o que quer é capital, empresas que estejam preparadas para fazer a coisa certa ao trabalhar com as comunidades, que garantam respeito aos direitos trabalhistas, ao meio ambiente. E nós estamos preparados para incentivar esse tipo de empresa”, afirmou Fernandez. A afirmação confirma a estratégia dos EUA de se apoderar dos minerais críticos do Brasil e de outros países em sua guerra contra a China.

O secretário qualificou o setor mineral do Brasil como “vibrante” e disse que o que os EUA oferecem é “trabalharmos em conjunto no financiamento de projetos minerais críticos, com um investimento feito de forma responsável, segundo o mais alto princípio ambiental, social e de governança para que os países não precisem escolher entre custos ambientais e crescimento econômico”.

Ao anunciar, em Nova York e ao lado de Kerry, a expedição dos americanos ao Brasil, o ministro da Fazenda Fernando Haddad qualificou o novo momento da parceria com os EUA como um “ganha-ganha”. “Não podemos deixar uma potência como os EUA de costas para o Brasil. O Brasil e os EUA têm interesses em comum. Queremos abrir possibilidades novas para que Brasil e EUA se aproximem com ganhos mútuos”, afirmou Haddad.

Fracasso do ato de Bolsonaro em BH deixa PL em polvorosa

O fracasso da “Marcha a Favor da Vida”, que estava vazia no momento em que Jair Bolsonaro discursava, neste domingo (8), na Praça da Liberdade, em Belo Horizonte, MG, impressionou a direção do PL e já provocou uma espécie de “caça às bruxas” dentro do partido, em busca de um culpado pelo baixo número de participantes.

Mesmo com intensa campanha divulgando a presença de Bolsonaro, os organizadores não conseguiram atrair plateia. O deputado Sôstenes Cavalcante (PL-RJ) tentou desassociar o esvaziamento do ato a Bolsonaro, culpando os católicos carismáticos pela falta de mobilização.

“Lamentavelmente, pela mistura que têm com a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), os católicos não conseguem mobilizar muita gente. As marchas da direita que enchem são as convocadas por

evangélicos e militares”, afirmou o deputado bolsonarista.

Público não compareceu ao ato em BH neste domingo (8), na Praça da Liberdade, em Belo Horizonte, MG, impressionou a direção do PL e já provocou uma espécie de “caça às bruxas” dentro do partido, em busca de um culpado pelo baixo número de participantes.

Mesmo com intensa campanha divulgando a presença de Bolsonaro, os organizadores não conseguiram atrair plateia. O deputado Sôstenes Cavalcante (PL-RJ) tentou desassociar o esvaziamento do ato a Bolsonaro, culpando os católicos carismáticos pela falta de mobilização.

“Lamentavelmente, pela mistura que têm com a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), os católicos não conseguem mobilizar muita gente. As marchas da direita que enchem são as convocadas por

Mostra Mosfilm democratiza o acesso ao cinema soviético e russo, diz UMES

Mostra que segue até o dia 15 de outubro, na Cinemateca Brasileira, exibirá 15 filmes do Mosfilm, um dos mais importantes estúdios cinematográficos do mundo

A abertura da 9ª Mostra Mosfilm de Cinema Soviético e Russo foi um sucesso. Uma noite incrível na Cinemateca!”, considerou o presidente da União Municipal dos Estudantes Secundaristas de São Paulo (UMES), Lucca Gidra, sobre a primeira noite de exibições dos clássicos do cinema realizada na quinta-feira (05).

A mostra, que segue até o dia 15 de outubro, na Cinemateca Brasileira, localizada na Vila Mariana, exibirá 15 filmes do Estúdio Mosfilm, um dos mais importantes centros de produção cinematográfica do mundo.

A abertura da programação contou com a exibição de um lançamento, até então inédito no Brasil. “Khitrovka. O Signo dos Quatro”, do diretor Karen Shakhnazarov estreou em mais de 1.800 salas na Rússia, em maio último, depois de liderar as pré-vendas de ingressos na semana anterior.

Para Lucca, a recepção do público, que lotou a sala Grande Otelo da Cinemateca, “demonstra que as pessoas tão interessadas em consumir, conhecer e assistir filmes de outras culturas, em particular, da Rússia, e isso é muito importante”.

O presidente da entidade, que dirige o Centro Popular de Cultura (CPC UMES) responsável pela mostra, destacou que a iniciativa, que já chega a sua nona edição tem o objetivo de democratizar o acesso a diferentes culturas.

“Além de conhecermos a grandeza do cinema soviético e Russo, que é um cinema que todos precisam conhecer. É fundamental para, cada vez mais, democratizar o cinema e também o acesso a filmes que geralmente estão fora do grande circuito comercial”, ressaltou Lucca.

ABERTURA

A Mostra Mosfilm de Cinema Soviético e Russo já é tradicional na cidade de São Paulo. Nesta edição, serão apresentados 15 filmes de diferentes vertentes do cinema, que vão das populares comédias, ao primeiro filme de terror realizado na União Soviética.

A 9ª edição da mostra conta ainda com uma novidade: as exibições na Cinemateca ocorrerão ao longo de oito dias, o que facilitará a presença do público.

Durante a abertura, o presidente do Centro Popular de Cultura da UMES, Valério Bemfica, voltou a relembrar a importância do evento ocorrer na Cinemateca que, ao longo

do governo Bolsonaro, foi alvo do descaso, abandono e de sua política anticultural.

“A Cinemateca Brasileira, um patrimônio de todos nós, recentemente, e com muita luta, e que está começando a ser retomado... Eu sei que tem gente aqui que não é funcionária, tem gente aqui que é ‘casada com’ a Cinemateca, que dedica a sua vida a manter esse espaço aqui, honrando os seus fundadores”, ressaltou Valério.

PROGRAMAÇÃO

Outro destaque da programação é o Especial América Latina. Nas décadas de 1960 e 1970 foram produzidos no Estúdio Mosfilm longas que retrataram as atuações das ditaduras que assolaram o continente no período, e das resistências revolucionárias que as combateram. Fazem parte da programação especial três filmes: o aclamado “Eu Sou Cuba” (1964), de Mikhail Kalatozov; “Essa Doce Palavra Chamada Liberdade” (1972), de Vytautas Zalakevicius, e “Noite sobre o Chile” (1977), de Sebastian Alarcón e Aleksandr Kosarev, filme que recria os trágicos acontecimentos ocorridos no Chile no outono de 1973, após o golpe fascista de Pinochet, que derrubou o regime democrático constitucional do país e seu presidente, Salvador Allende.

LEONID GAYDAY – 100 ANOS

O diretor Leonid Gayday também marcará presença na programação, homenageado no ano do centenário de seu nascimento com exibições do filme “Operação Y e Outras Aventuras de Shurik” (1965). Campeãs de bilheteria, as comédias de Gayday venderam mais de 600 milhões de ingressos na URSS.

PRIMEIRO FILME DE TERROR DA URSS

Aguardadíssimo pelos fãs do cinema de terror, “Viy – O Espírito do Mal” (1967), também estará na programação. Baseado no conto clássico homônimo do escritor Nikolai Gogol, e com efeitos especiais do mago Aleksandr Ptushko, o filme é obrigatório não só para os amantes do gênero, mas também para os apreciadores de histórias clássicas e do folclore russo.

TARKOVSKY EM SESSÃO DUPLA

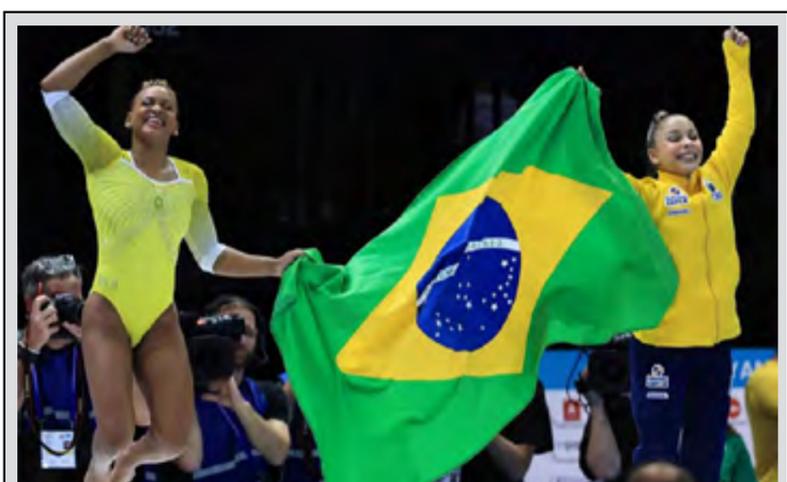
O diretor Andrei Tarkovsky marca presença na programação em sessão dupla, com o média metragem “O Rolo Compressor e o Violinista” (1960), seu trabalho de conclusão na graduação pelo Instituto Estatal de Cinema (VGIK), e o longa “O Espelho” (1975).



Lucca Gidra, presidente da UMES, durante a abertura da Mostra Mosfilm



Público lotou a Sala Grande Otelo na abertura da 9ª Mostra Mosfilm



Rebeca e Flavinha conquistaram prata e bronze no solo individual

Brasil tem o seu melhor desempenho na história do Mundial de Ginástica Artística

O Brasil fechou neste domingo (8) o Mundial da Antuérpia com recorde de seis medalhas, sendo um ouro, três pratas e dois bronzes, o melhor desempenho da história do país.

Com isso, a grande estrela Rebeca Andrade escreveu mais um capítulo da história da ginástica artística do Brasil. A ginasta de 24 anos abriu o último dia de competições do Mundial da Antuérpia com um bronze na trave, único pódio que lhe faltava no currículo. No solo, puxou uma dobradinha nos degraus mais baixos do pódio com Flávia Saraiva no bronze.

O Brasil encerrou a participação no Mundial da Antuérpia com um ouro no salto de Rebeca, três pratas, no individual geral e solo de Rebeca, além de por equipes e dois bronzes, sendo trave de Rebeca e solo de Flavinha. É também a primeira vez que duas brasileiras dividem um pódio de um Mundial.

“Foi o pódio mais especial. Há uns dias me fizeram a pergunta de com que ginasta eu queria dividir um pódio. A primeira e única pessoa que passou pela minha cabeça foi ela (Flávia). E minha companheira, sempre torci muito por ela. É um prazer dividir

treino e esse pódio com ela”, disse Rebeca.

Rebeca só não superou Simone Biles. A ginasta mais condecorada da história da ginástica artística. Na Antuérpia, a americana de 26 anos conquistou quatro ouros e uma prata. Na história, agora soma 30 medalhas em Mundiais (23 ouros, quatro pratas e três bronzes) e sete em Olimpíadas (quatro ouros, uma prata e dois bronzes).

RECORDES

São vários recordes quebrados pelo Brasil na edição de 2023 do Mundial de Ginástica. O primeiro foi em número de medalhas em uma mesma edição (seis), superando a marca de três conquistas em Liverpool, em 2022.

Os cinco pódios de Rebeca a colocam no seleto grupo de ginastas mundiais que ao longo da carreira conquistaram medalha em todos as provas, sendo a 11ª ginasta a conseguir o feito, se equiparando a lendas como as soviéticas Larisa Latynina e Olga Korbut, as russas Svetlana Khorkina e Aliya Mustafina e a americana Simone Biles.

Dentro do grupo de atletas brasileiros mais medalhados da história numa mesma edição de Mundial, Rebeca igualou o número de medalhas que César Cielo no Mundial de piscina

curta, em 2014, no Catar.

Ana Marcela Cunha segue sendo o maior nome feminino em número total de medalhas, com 16 conquistas em campeonatos mundiais de águas abertas. São sete de ouro, duas de prata e sete de bronze em oito edições de 2010 para cá.

O feito histórico do Brasil na Antuérpia foi a prata inédita por equipes femininas, atrás apenas dos Estados Unidos. O grupo formado por Rebeca Andrade, Flávia Saraiva, Jade Barbosa, Júlia Soares, Lorrane Oliveira e a reserva Carolyne Pedro garantiu 165,530 pontos nos quatro aparelhos. A França ficou com o bronze. As brasileiras já haviam conquistado a vaga olímpica para Paris 2024 nas classificatórias.

Por décadas, uma medalha por equipes em um Mundial era vista com um sonho distante, algo que só estava ao alcance de potências como Estados Unidos, Rússia, China e Romênia.

Guiada por Rebeca, as brasileiras mostraram já no ano passado que chegaram a um novo patamar, o de equipes medalhistas. Por menos de um ponto, o bronze escapou no Mundial de Liverpool. Na Bélgica, com o reforço de Jade, a medalha inédita veio.



Petrobras completou 70 anos

Há 70 anos a Petrobras impulsiona desenvolvimento soberano

LUCIANA SANTOS*

A Petrobras chega aos 70 anos, neste mês de outubro de 2023, como um dos principais símbolos da luta pelo desenvolvimento e soberania nacional, erigido com a luta de gerações de trabalhadores/as e do bloco de forças patrióticas que se mobilizam desde os primeiros sinais do potencial petrolífero do país, com a presença sempre marcante do Partido Comunista do Brasil. E num momento de reconstrução do país, o que implica a retomada dos instrumentos do Estado, entre os quais a Petrobras.

O papel estratégico da empresa se eleva nesse momento, após os ataques da chamada Operação Lava Jato e a política neocolonial e ultraliberal do governo da extrema-direita, interrompendo a valorização da empresa nos governos de Luiz Inácio Lula da Silva e de Dilma Rousseff. Foi mais uma ofensiva em larga escala, com ações em processo de elucidação revelando conluios com interesses dos monopólios privados, partes do sistema de saques do imperialismo estadunidense.

Desde a sua fundação, a Petrobras sofre o cerco do setor antipatriótico e entreguista de setores das classes dominantes. A empresa nasceu como consequência da batalha pelo controle do petróleo. Ficou gravada na memória nacional a campanha “O petróleo é nosso!” organizada por uma frente ampla unindo patriotas de vários matizes: comunistas, trabalhistas, socialistas, democratas e setores das Forças Armadas. Destaca-se a ampla mobilização social organizada pela União Nacional dos Estudantes (UNE). Da mesma forma, está registrada a luta no governo de João Goulart, quando o monopólio estatal foi reforçado, integrando todas as fases (exploração, produção, transporte, refino e distribuição).

Também ficaram marcadas na história as denúncias contra a política da ditadura militar de violar o monopólio da Petrobras com os chamados “contratos de risco”. A chegada do projeto neoliberal nos anos 1990 deflagrou novas investidas. Já no governo de Fernando Collor de Mello houve tentativas de incluir a empresa do rol das privatizações, política intensificada nos governos de Fernando Henrique Cardoso, quando o monopólio da Petrobras foi extinto, em 1997. A empresa começou a ser vendida aos pedaços e estava em preparação para entrar no “balcão das privatizações”.

Com a chegada de Lula à Presidência da República em 2003, o processo de esfacelamento foi interrompido e o Brasil chegou à autossuficiência em petróleo, anunciada em 21 de abril de 2006. Com a descoberta do pré-sal, a condição estratégica da Petrobras se elevou. Seu potencial se revelou com o desenvolvimento do pioneirismo em tecnologia de exploração em águas profundas e no impulsionamento da indústria naval. O país, também, avançou na produção de etanol e incrementou a escala do biodiesel.

Nesse período do pré-sal, Haroldo Lima, então dirigente do PCdoB, teve papel de destaque como diretor-geral da Agência Nacional do Petróleo (ANP), sendo incluído em dos formuladores da ideia do regime de partilha, que deu à Petrobras o controle sobre a exploração do pré-sal.

O desmonte da empresa no governo da extrema-direita, quando a Petrobras foi novamente fatiada para a privatização de ativos – como refinarias, a BR Distribuidora, gasodutos e campos de exploração de petróleo –, representa um grande desafio.

O governo do presidente Lula já está aplicando medidas para enfrentá-lo, como a política de preços desatrelada da paridade com o dólar e o mercado internacional – que servia ao circuito de pagamento de dividendos – e os investimentos previstos no próximo plano estratégico da empresa. Na imperativa tarefa de reindustrializar o país em novas bases tecnológicas, a empresa se engaja em várias esferas, notadamente no projeto de transição energética, interagindo com o Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovação e outros entes do governo.

Restaurar a integridade da Petrobras, fortalecê-la para que esteja à altura de cumprir, com destaque, o papel de avançar da reconstrução nacional é mais um capítulo da histórica luta pelo desenvolvimento e soberania nacional.

Brasília, 5 de outubro de 2023.

*Luciana Santos é presidente do Partido Comunista do Brasil (PCdoB) e ministra da Ciência, Tecnologia e Inovação



INFORMAÇÕES GERAIS

9ª Mostra Mosfilm de Cinema Soviético e Russo

Primeiro e segundo finais de semana de outubro de 2023

12, 13, 14, 15/10/23

Local: Cinemateca Brasileira
Largo Senador Raul Cardoso, nº 133,
Vila Clementino, São Paulo/SP
Telefone: (11) 5906-8100

Entrada gratuita

Para mais informações:
Facebook: @cpcumesfilmes
Instagram: @cpcumesfilmes

“Greve histórica desmascarou farsa de Tarcísio para tentar privatizar estatais”



Senadores bolsonaristas planejavam um golpe contra os trabalhadores

O senador Styvenson Valentim, do Podemos (RN), é o autor do projeto de lei 2099/23, aprovado nesta terça-feira (3), na Comissão de Assuntos Econômicos (CAE), que altera a CLT. Pelo PL, até os filiados aos sindicatos terão que autorizar o desconto para o custeio da sua entidade sindical, ainda que com a aprovação em assembleia. O PL tem caráter terminativo. Agora, vai para a Comissão de Assuntos Sociais (CAS) e, se não tiver contestação, vai direto para o Plenário da Câmara Federal. Ou seja, apesar desta questão estar hoje no centro das discussões nacionais, envolvendo, além do Legislativo, o presidente Lula, o STF, o movimento sindical, os empresários e a mídia, esses senadores pretendem dar um golpe e passar a matéria por baixo do pano. É a “operação salvamento de emergência” do já avariado coração da reforma trabalhista de Temer/Bolsonaro, que tem como objetivo essencial o sufocamento financeiro visando a paralisação das entidades: ou seja, o bloqueio ao sistema de custeio dos sindicatos, mais concretamente o fim da contribuição de toda categoria, sócios e não sócios. A reforma, maquinada durante os governos Temer/Bolsonaro, tinha como principal medida acabar com a contribuição sindical, desconto de um dia de trabalho por ano de cada trabalhador, e só permitia algum tipo de desconto do trabalhador não sindicalizado, depois de formalmente autorizado.

REFORMA É DESGRAÇA PARA OS TRABALHADORES

O resultado da reforma foi uma desgraça para a organização sindical. Foi a falência dos sindicatos, federações, confederações e centrais como entidades autônomas. A arrecadação das entidades laborais caiu 98%. De 1,47 bilhão de reais para 12,5 milhões. Dessa forma, o governo Bolsonaro tentou minar a resistência dos trabalhadores. O que já era profundamente desigual – o sindicalismo patronal arrecada, via Receita Federal, 13,5 bilhões de reais pelo sistema “S” – se tornou uma corda amarrada no pescoço dos dirigentes sindicais.

JOGO VIRADO

Depois que Lula venceu as eleições, que se ampliaram as denúncias de corrupção e a desmoralização na tentativa de golpe no dia 8 de janeiro, o STF, por amplíssima maioria (10 a 1), decidiu mudar seu entendimento – decisão histórica – e determinou que a contribuição assistencial deve ser comprometida de toda categoria, definida em assembleia e resguardado o direito de oposição.

FINALMENTE

1 – Na última segunda-feira, 2 de outubro, as centrais estiveram com o presidente do Senado, Rodrigo Pacheco, que se comprometeu publicamente, em entrevista coletiva junto com os dirigentes das centrais, que iria garantir a discussão democrática. Isso é quase tudo que o movimento sindical precisa. O mais, é bom senso.

2 – A reforma trabalhista de Bolsonaro foi um desastre que teve o condão de trazer à tona as imensas vantagens do sistema de representação do conjunto, do sistema confederativo e de unicidade sindical para garantir e ampliar direitos, da importância – para organização sindical independente – da contribuição compulsória de todos os trabalhadores e do sistema de proteção social com a Justiça do Trabalho e o Ministério do Trabalho. A estrutura sindical brasileira é, no essencial, invenção nacional, filha preferida de uma revolução, na qual a prioridade foi o fortalecimento do consumo do trabalhador, com o salário mínimo capaz de sustentar uma família de 4 pessoas. Não fica nada a dever aos europeus e americanos.

CARLOS PEREIRA

“Reforma trabalhista aumentou precarização e trabalho análogo à escravidão”, critica Luiz Marinho

O Ministério do Emprego e Trabalho (MTE) divulgou nesta semana uma lista recorde de empresas e pessoas condenadas por trabalho análogo à escravidão, a chamada “lista suja”, do trabalho com 204 nomes. Inclui dezenas de fazendas e empresas de agropecuária e alimentos, em sua maioria, mas também construção civil, confecções e pessoas físicas condenadas por manter trabalhadores domésticos em situação de escravidão.

Trata-se do maior número já registrado de entradas de pessoas físicas e jurídicas na base de dados criada em novembro de 2003, segundo o MTE. Com a atualização, o cadastro totaliza 473 empregadores autuados nos últimos anos e incluídos após exercerem e concluírem o direito de defesa.

Listada, a cervejaria Kaiser, uma das marcas do Grupo Heineken no Brasil, foi condenada por associação à transportadora Sider, autuada em 2021 por submeter 23 motoristas – 22 venezuelanos e um haitiano – a jornadas exaustivas, condições de trabalho e moradia degradantes. E ainda, por tê-los “arregimentados de forma fraudulenta e ilícita”, com promessas que não foram cumpridas, segundo os auditores fiscais.

Em março de 2021, os fiscais do Trabalho flagraram motoristas contratados pela transportadora atuando em turnos de até 18 horas diárias e sem descanso semanal remunerado. A empresa não forneceu espaço e os trabalhadores dormiam nos próprios caminhões em que trabalhavam, conforme prometido, de acordo com a autuação.

O ministro Luiz Marinho (Trabalho e Emprego) responsabilizou as leis de terceirização aprovadas em 2017, durante o governo do ex-presidente Michel Temer (MDB) pelo “aumento brutal” de precarização e do trabalho degradante. “Levou a um processo brutal de precarização e aumentou o trabalho análogo à escravidão”, disse Marinho durante um evento promovido pela CSB (Central dos Sindicatos Brasileiros) nesta sexta-feira (06).

“Ah, mas ninguém foi chicoteado. Só está faltando amarrar no tronco e chicotear, porque o resto...”, declarou. O ministro disse que não se pode fazer um “revogação” da reforma trabalhista. Mas, segundo ele, alguns “retrocessos” são focos da atuação do governo federal – e citou como exemplo os trabalhadores por aplicativos.



“Privatização resulta em aumento de tarifas e piora dos serviços”, diz entidade



Em protesto, servidores federais cobram proposta de reajuste salarial para 2024

Os servidores federais realizaram, nesta terça-feira (3), manifestações por maior reajuste salarial em 2024 e contra a Proposta de Emenda à Constituição (PEC) 32/2020, a “reforma” administrativa. As mobilizações defenderam também a recomposição de quadros por meio de concursos públicos.

Os funcionários públicos repudiam a falta de garantia de reajuste salarial no Orçamento anual de 2024. Esse ano, após a retomada da mesa de negociação com o governo, o reajuste foi de 9%, considerado insuficiente para a reposição das perdas inflacionárias acumuladas nos últimos anos. Para algumas carreiras, a defasagem é de quase 50%.

O Dia Nacional de Mobilização foi aprovado em setembro pelos servidores durante a Plenária Nacional dos Servidores Públicos Federais que reuniu entidades ligadas

ao Fórum das Entidades Nacionais dos Servidores Públicos Federais (Fonasefe), pelo Fórum Nacional de Carreiras Típicas de Estado (Fonacate) e pelas Centrais Sindicais. Entre as ações previstas para a semana também estão as conversas com parlamentares no Congresso Nacional sobre as mazelas presentes na PEC32.

Na capital federal, a categoria realizou uma manifestação nacional unificada contra a PEC 32 em frente ao Ministério da Gestão e da Inovação em Serviços Públicos (MGI), no bloco K da Esplanada dos Ministérios. O MGI é o representante do governo federal na Mesa Nacional de Negociação com os servidores.

Na capital paulista, os servidores do Judiciário Federal e outras categorias de trabalhadores se concentraram em frente ao Fórum Pedro Lessa, na Avenida Paulista. A mobilização também se solidarizou

com a greve dos trabalhadores da Sabesp, da Companhia Paulista de Trens Metropolitanos (CPTM) e do Metrô contra a privatização dessas empresas, propostas pelo governo Tarcísio de Freitas (Republicanos).

Na Universidade Federal da Bahia (UFBA) e Universidade Federal do Recôncavo Baiano (UFRB), além do arquivamento da PEC 32, a mobilização do funcionalismo reivindicou a recomposição salarial, correção dos benefícios, reestruturação das carreiras, abertura de mesas setoriais e defesa da Educação Pública.

Na Universidade Federal do Ceará (UFC), foram realizados caminhada e ato contra a PEC 32 convocados pelos Fóruns Permanente em Defesa do Serviço Público e Unificado Das Associações e Sindicatos dos Servidores Públicos do Ceará, e pelas centrais sindicais, CSP-Conlutas, CTB e CUT.

Greve parou Metrô, CPTM e Sabesp por 24 horas contra plano de privatização do governo

As entidades que representam os trabalhadores da Sabesp, Metrô e CPTM, que realizaram no dia de ontem (3) um forte movimento de paralisações e protestos contra a tentativa de privatização desses setores pelo governador de São Paulo, Tarcísio de Freitas, avaliam que o dia de greve foi “histórico” e mostrou a “força e unidade” dos trabalhadores.

“Os trabalhadores do saneamento junto com os companheiros metroviários e ferroviários mandaram um recado para o governador Tarcísio de que não vamos aceitar pacificamente o processo de privatização que ele tenta implementar aqui em São Paulo”, afirmou o presidente do Sindicato dos Trabalhadores em Água, Esgoto e Meio Ambiente do Estado de São Paulo (Sintagma), José Faggian.

“O Tarcísio comete um crime tão grande que a Sabesp há mais de 20 anos não tira um real dos cofres do estado, ao contrário, a Sabesp devolve 500 milhões por ano em forma de dividendos. Agora a partir do processo de privatização vai ter que tirar dinheiro dos cofres do Estado para subsidiar a tarifa. Não sou eu que estou dizendo isso, mas o estudo que ele encomendou por 44 milhões de reais, sem licitação”, enfatizou Faggian, destacando que o governador virou as costas para o povo de São Paulo e para os trabalhadores.

O presidente do Sindicato ressaltou também que o movimento não se encerra nesta terça-feira. “A greve de hoje é apenas uma etapa dentro do processo de luta. Temos que dar prosseguimento e continuar unificados até que o projeto como um todo seja derrotado e o povo de São Paulo tenham seus direitos essenciais garantidos pelo Estado”.

Para a presidente do Sindicato dos Metroviários, Camila Lisboa, o movimento unitário das três categorias “conseguiu desmascarar vários argumentos de privatização do governador Tarcísio de Freitas, que falou várias mentiras na TV ao longo do dia”. “Se privatizar metrô e CPTM as tarifas desses serviços vão aumentar e os serviços vão piorar. Basta vermos o que aconteceu nas linhas Esmeralda e Diamante”, denunciou a dirigente.

Fazendo uma avaliação do dia de protestos e da paralisação do Metrô, Camila parabenizou os trabalhadores pela mobilização e agradeceu pelo apoio e divulgação do movimento pelas redes sociais.

“Estamos muito orgulhosos da greve de 24h que realizamos em defesa do transporte público barato e de qualidade e do direito à água! A greve encerrou, mas a luta continua até a gente derrotar os planos de privatizações de Tarcísio”, disse Camila.

Petroleiros saem as ruas “em defesa do patrimônio público nacional”

Os trabalhadores da Petrobrás e Eletrobrás realizaram atos em defesa das estatais, dos serviços públicos e da melhoria das condições de trabalho nessas empresas por todo o país, nesta terça-feira (03). Os atos aconteceram no dia em que a Petrobrás completa 70 anos de sua fundação, em 1953, por Getúlio Vargas.

A mobilização contou com a presença além de petroleiros e eletricitários, das centrais sindicais e movimentos sociais representantes dos bancários, metroviários, professores, estudantes, produtores rurais, entre outros trabalhadores.

“Não se trata apenas dos 70 anos da Petrobrás. É um ato em defesa da soberania nacional, em defesa das empresas públicas e estatais, em defesa dos serviços públicos de qualidade para a população brasileira”, disse o coordenador-geral da Federação Única dos Petroleiros (FUP), Deyvid Bacelar.

Os manifestantes denunciavam as sucessivas campanhas de privatização das camadas de petróleo, refinarias e da distribuidora da BRPetrobrás, nos últimos governos.

A vice-presidenta da UNE, Daiane Araújo, lembrou a campanha que levou à fundação da Petrobrás. “A UNE estava junto quando o povo foi às ruas gritar que ‘o petróleo é nosso’ e defender a construção dessa empresa que está fazendo 70 anos. Nós reafirmamos o nosso compromisso com a construção de um projeto de soberania energética e soberania nacional, em defesa das nossas estatais e do serviço público”, disse Daiane.

Também foi apontada a necessidade de se reestatizar a Eletrobrás, privatizada por Bolsonaro em seu governo. “É o momento do povo brasileiro retomar as ruas para defender o patrimônio público nacional. Estamos aqui com os companheiros da Eletrobrás, que foi privatizada, que foi entregue. E agora estamos lutando pela reestatização”, disse Sandro Alex de Oliveira Cezar, presidente da Central Única dos Trabalhadores do Rio de Janeiro (CUT/RJ).

Emanuel Mendes, diretor do Sindicato dos Eletricitários do Rio de Janeiro, destacou que, caso a privatização da Eletrobrás não seja revertida, haverá encarecimento das contas de luz. “Estamos passando por um momento difícil. Mas nossas esperanças se mantiveram com a eleição do presidente Lula, que no processo eleitoral dizia que ia reestatizar a Eletrobrás. E ele assumiu o primeiro passo no STF [Supremo Tribunal Federal]”.

Mendes se refere à ação

movida pela Advocacia-Geral da União (AGU) em maio deste ano que questiona a constitucionalidade da Lei Federal 14.182/2021, que autorizou a privatização da Eletrobrás. Nela, foi embutido um trecho que trata da redução da participação da União nas votações do conselho da empresa, proibindo que acionista ou grupo de acionistas exerçam poder de voto maior que 10% da quantidade de ações. Dessa forma, o governo federal, que possui cerca de 43% das ações ordinárias, perde seu poder decisório nas discussões sobre o rumo da empresa.

ATOS PELO BRASIL

O ato organizado no Rio de Janeiro contou com a participação de caravanas que chegaram de outros estados. Mas manifestações em defesa das estatais também foram realizadas em outras cidades do país.

Em São Paulo, os petroleiros realizaram paralisações nas refinarias de Paulínia (Replan) e de Mauá (Recap), pela reestatização das refinarias privatizadas pelo governo Bolsonaro e em apoio a greve dos trabalhadores do Metrô, da Companhia Paulista de Trens Metropolitanos (CPTM) e da Companhia de Saneamento Básico do Estado de São Paulo (Sabesp), que realizam uma greve unificada, também nesta terça-feira (03), contra o pacote de privatizações anunciado pelo governador, Tarcísio de Freitas (Republicanos).

No Paraná, os petroleiros se mobilizaram pela reestatização da Unidade de Industrialização do Xisto, a SIX, que foi privatizada pela gestão anterior da Petrobrás, assim como a Refinaria Landulpho Alves (Rlam-BA), a Refinaria Isaac Sabbá (Reman), em Manaus (AM), e a Refinaria Clara Camarão, no Polo de Guamaré (RN).

Os petroleiros e petroquímicos paranaenses realizaram, ainda, um ato unitário com diversas categorias e movimentos sociais, em frente à Fábrica de Fertilizantes Nitrogenados (FAFEN), que foi fechada em 2020 pelo governo Bolsonaro, demitindo mais de 1.000 trabalhadores, entre diretos e terceirizados. Desde então, a categoria tem se mobilizado pela reabertura da unidade.

O Rio Grande do Sul também contou com ato conjunto das centrais sindicais e os movimentos populares em frente à Refinaria Alberto Pasqualini (Refap), que completou 55 anos e também chegou a ser colocada à venda pelo governo Bolsonaro, dessa vez, sem sucesso.



Edilson Rodrigues/Agência Senado

Paulo Pinto/Agência Brasil

Sintagma

Sindsep-DF

Presidente da Câmara é destituído pela primeira vez na história dos EUA



Marcha em Dusseldorf contra armas à Ucrânia

Atos em Dusseldorf e Berlim rejeitam envio de armas ao regime nazista de Kiev

Manifestações pelo “dia da reunificação” na Alemanha, o 3 de outubro, se transformaram em protestos contra o envio de armas ao regime de Kiev, as sanções à Rússia e a subserviência do premiê alemão Olaf Scholz a Washington. Os principais atos ocorreram em Dusseldorf, Berlim, Dresden e Hamburgo.

Em Dusseldorf, manifestantes pediram “paz sem OTAN” e “liberdade para Assange”, editor do WikiLeaks ameaçado de extradição aos EUA por ter denunciado crimes de guerra no Iraque e Afeganistão.

Ouvinda pela agência de vídeo Ruptly, uma ativista disse que “durante 70 anos, os EUA têm agitado uma guerra após a outra. Supostamente, trata-se de democracia, mas, na realidade, trata-se de recursos naturais”. Outra oradora denunciou como Scholz, que descreveu como um “poodle” de Washington, ficou mudo ao lado do presidente Biden quando este anunciou na Casa Branca que iria eliminar o Nord Stream 2.

Nas discussões sobre reunificação alemã os EUA prometeram ao então presidente Gorbachev não alargar a OTAN para leste “uma polegada sequer”.

Na capital alemã, com bandeiras e faixas mais de quatro mil pessoas repudiaram o envio de armas à Ucrânia e exigiram uma solução diplomática para o conflito, bem como a retomada da cooperação com Moscou. Sob as sanções e a quebra da relação com a Rússia que possibilitava o fornecimento de gás barato para a indústria alemã, a crise na locomotiva europeia não dá mostras de amainar, com os preços da energia tendo chegado a patamares insustentáveis para a população. A marcha, que começou perto da Catedral de Berlim, terminou com um comício no parque Lustgarten, no centro.

O ato também pediu a renúncia de Scholz, pelos erros cometidos na política de energia, e a antecipação de eleições. Os manifestantes seguravam cartazes pedindo a cabeça da ministra das Relações Exteriores, Annalena Baerbock, cuja mais recente provocação foi prometer uma União Europeia alargada de “Lisboa a Lugansk” – isto é, terras historicamente de ascendência russa, no Donbass.

A aposta do governo “semáforo” (social-democratas, verdes historicamente pró-americanos e liberais) nesse tiro no próprio pé desencadeou enorme temor de que a Alemanha se desindustrialize aceleradamente, sob o alto custo da energia. A escalada nos gastos militares na principal economia europeia vem sendo acompanhada por cortes nos programas sociais.

Significativamente, foram palco de protestos duas cidades ligadas ao esforço de guerra da OTAN por procuração contra a Rússia na Ucrânia. Kalkar, onde foi instalado o centro de comando do exercício da OTAN “Air Defender 23”, e Grossenhain, onde está sendo construída uma fábrica de munições da Rheinmetall para abastecer Kiev.

Presente no protesto em Kalkar, a deputada Sevim Dagdelen, do partido opositorista A Esquerda, denunciou que o governo alemão segue Washington caninamente. Se os EUA quiserem entregar mísseis de médio alcance num futuro próximo à Ucrânia, “então nós também os entregaremos”. “É uma política completamente irresponsável correr o risco de uma guerra mundial nuclear. Quais bases militares os russos bombardeariam primeiro se os mísseis de médio alcance voassem em direção à Rússia?”, advertiu, se contrapondo ao envio do sistema alemão de mísseis Taurus.

Em um ato de “sindicalistas pela paz” em Berlim há duas semanas, a deputada alertou que “um quinto do orçamento federal alemão é agora usado para gastos militares”. Antes da eleição, todos os partidos da coligação semáforo prometeram não entregar armas em zonas de guerra, ela lembrou. “Em vez disso, o orçamento militar foi aumentado em 37% nesta legislatura – o dinheiro dos nossos impostos está sendo usado em benefício da indústria de defesa dos EUA.” A Rheinmetall (cujo maior acionista é a Blackrock) aumentou a sua margem de lucro em 11% ao longo desta guerra, acrescentou.

Ao explicar o que esse gasto com guerra significa para o orçamento social, Sevim citou as consequências dos cortes: “um quarto de todos os alunos do quarto ano neste país não sabe ler nem escrever. Os empréstimos a estudantes foram cortados em grande medida. O financiamento para o centro de recuperação das mães foi reduzido em 93%, assim como os fundos para os centros de educação familiar: 76% a menos para os centros de educação juvenil.”

“Em 2022, a perda salarial real foi de 4%”, ela assinalou, chamando a política do governo Scholz de “uma guerra social contra a sua própria população”. Em Grossenhain, no Estado de Saxônia, dezesseis dos vinte e dois vereadores assinaram uma carta a Scholz pedindo que bloqueasse o projeto, segundo artigo do New York Times. “Muitos alemães ainda têm uma profunda aversão à guerra e aos gastos com defesa na Alemanha, e o seu passado nazi os torna relutantes em investir na esfera militar. A visão de Berlim é uma coisa; as realidades políticas no terreno são outras”, admite o artigo.

Citado pelo NYT, Sebastian Fischer, membro da Assembleia Legislativa da Saxônia, explicou que os alemães, especialmente os residentes da antiga Alemanha Oriental, querem viver em paz com a Rússia, e é bastante difícil para eles entender por que a Alemanha deveria defender a Ucrânia.

Essa convicção de Berlim com o regime de Kiev também mereceu a atenção da porta-voz do Ministério das Relações Exteriores da Rússia, Maria Zakharova. Ela advertiu que a liderança alemã “nega o fato geralmente aceito de que os chauvinistas ucranianos colaboraram com o Terceiro Reich de Hitler”.

Disso – ela destacou – pode-se tirar a conclusão lógica de que “a reabilitação do nazismo está em pleno andamento na Alemanha de hoje”.

Zakharova sublinhou que há gente ainda mais cínica, os “anglo-saxões”. Para atingir seus objetivos, estão preparados “para exterminar o povo ucraniano e reabilitar a Divisão Waffen SS Galicia ou o Exército Insurgente Ucraniano, que colaborou com a Alemanha nazi”. “Logo chegamos direto aos ‘heróis’ – colocamos a palavra entre aspas, eles não fazem mais assim – do Terceiro Reich”.



McCarthy foi acusado de fazer acordo secreto aprovar envio de armas a Kiev

Ativistas que exigiam fim do envio de armas a Kiev são presos no Capitólio

Manifestações pelo “dia da reunificação” na Alemanha, o 3 de outubro, se transformaram em protestos contra o envio de armas ao regime de Kiev, as sanções à Rússia e a subserviência do premiê alemão Olaf Scholz a Washington. Os principais atos ocorreram em Dusseldorf, Berlim, Dresden e Hamburgo.

Em Dusseldorf, manifestantes pediram “paz sem OTAN” e “liberdade para Assange”, o editor do WikiLeaks ameaçado de extradição para os EUA por ter denunciado os crimes de guerra no Iraque e Afeganistão.

Ouvinda pela agência de vídeo Ruptly, uma ativista disse que “durante 70 anos, os EUA têm agitado uma guerra após a outra. Supostamente, trata-se de democracia, mas, na realidade, trata-se de recursos naturais”. Outra oradora denunciou como Scholz, que descreveu como um “poodle” de Washington, ficou mudo ao lado do presidente Biden quando este anunciou na Casa Branca que iria eliminar o Nord Stream 2.

Foi por motivo da discussão sobre a reunificação alemã que os EUA prometeram ao então presidente Gorbachev não alargar a OTAN para leste “uma polegada sequer”.

Na capital alemã, com bandeiras e faixas mais de quatro mil pessoas repudiaram o envio de armas à Ucrânia e exigiram uma solução diplomática para o conflito, bem como a retomada da cooperação com Moscou. Sob as sanções e a quebra da relação com a Rússia que possibilitava o fornecimento de gás barato para a indústria alemã, a crise na locomotiva europeia não dá mostras de amainar, com os preços da energia tendo chegado a patamares insustentáveis para a população. A marcha, que começou perto da Catedral de Berlim, terminou com um comício no parque Lustgarten, no centro.

O ato também pediu a renúncia de Scholz, pelos erros cometidos na política de energia, e a antecipação de eleições. Os manifestantes



Cartaz chama para o ato diante do Congresso dos EUA

seguravam cartazes pedindo a cabeça da ministra das Relações Exteriores, Annalena Baerbock, cuja mais recente provocação foi prometer uma União Europeia alargada de “Lisboa a Lugansk” – isto é, terras historicamente de ascendência russa, no Donbass.

A aposta do governo “semáforo” (social-democratas, verdes historicamente pró-americanos e liberais) nesse tiro no próprio pé desencadeou enorme temor de que a Alemanha se desindustrialize aceleradamente, sob o alto custo da energia. A escalada nos gastos militares na principal economia europeia vem sendo acompanhada por cortes nos programas sociais.

Significativamente, foram palco de protestos duas cidades ligadas ao esforço de guerra da OTAN por procuração contra a Rússia na Ucrânia. Kalkar, onde foi instalado o centro de comando do exercício da OTAN “Air Defender 23”, e Grossenhain, onde está sendo construída uma fábrica de munições da Rheinmetall para abastecer Kiev.

Presente no protesto em Kalkar, a deputada Sevim Dagdelen, do partido opositorista A Esquerda, denunciou que o governo alemão segue Washington caninamente. Se os EUA quiserem entregar mísseis de médio alcance num futuro próximo à Ucrânia, “então nós também os entregaremos”. “É uma política completamente irresponsável correr o risco de uma guerra mundial nuclear. Quais bases militares os russos bombardeariam primeiro se os mísseis de médio alcance

voassem em direção à Rússia?”, advertiu, se contrapondo ao envio do sistema alemão de mísseis Taurus.

Em um ato de “sindicalistas pela paz” em Berlim há duas semanas, a deputada alertou que “um quinto do orçamento federal alemão é agora usado para gastos militares”. Antes da eleição, todos os partidos da coligação semáforo prometeram não entregar armas em zonas de guerra, ela lembrou.

“Em vez disso, o orçamento militar foi aumentado em 37% nesta legislatura – o dinheiro dos nossos impostos está sendo usado em benefício da indústria de defesa dos EUA.” A Rheinmetall (cujo maior acionista é a Blackrock) aumentou a sua margem de lucro em 11% ao longo desta guerra, acrescentou.

Ao explicar o que esse gasto com guerra significa para o orçamento social, Sevim citou as consequências dos cortes: “um quarto de todos os alunos do quarto ano neste país não sabe ler nem escrever. Os empréstimos a estudantes foram cortados em grande medida. O financiamento para o centro de recuperação das mães foi reduzido em 93%, assim como os fundos para os centros de educação familiar: 76% a menos para os centros de educação juvenil.”

“Em 2022, a perda salarial real foi de 4%”, Dagdelen assinalou, chamando a política do governo Scholz de “uma guerra social contra a sua própria população”.

Leia matéria na íntegra em: www.horadopovo.com.br

Pela primeira vez na história dos EUA, um presidente da Câmara de deputados foi destituído, com o republicano Kevin McCarthy perdendo o cargo por 216 a 210

O republicano Kevin McCarthy perdendo o cargo por 216 a 210 em votação na terça-feira (3). Foi a primeira vez na história dos EUA, um presidente da Câmara de deputados foi destituído, com o pedido de destituição do deputado republicano trumpista, Matt Gaetz, endossado por mais sete republicanos, acabou engrossado pela bancada democrata, decidindo a questão.

O republicano Patrick McHenry, tido como próximo a McCarthy, foi nomeado interino até que um novo presidente seja eleito.

Antes da votação, o líder da minoria na Câmara, o democrata Hakeem Jeffries, disse que “agora era responsabilidade dos membros do Partido Republicano acabar com a Guerra Civil Republicana na Câmara”.

Segundo o portal Zero Hedge, “Gaetz e seus aliados do Freedom Caucus ficaram furiosos no domingo, depois que se descobriu que McCarthy havia feito um acordo secreto com os democratas para obter mais financiamento para a Ucrânia, em troca da aprovação de uma resolução que manterá o governo funcionando até meados de novembro”.

McCarthy chegou a asseverar que “não havia” qualquer acordo secreto, mas não convenceu a ala mais trumpista da bancada republicana na Câmara.

O deputado Matt Gaetz o chamou de “uma criatura do pântano” após a destituição, realizada, segundo ele, depois de “oito tumultuados meses de bajulação e mentiras”.

“[McCarthy] subiu ao poder coletando dinheiro de juros especiais e redistribuindo esse dinheiro em troca de favores”, alegou Gaetz. “Estamos ‘quebrando a febre’ e deveríamos eleger um presidente que seja melhor”, acrescentou.

“Estamos no caminho certo para um projeto de lei geral e é difícil defender [a gestão McCarthy] quando os republicanos da Câmara nem sequer enviaram uma intimação a Hunter Biden, disse o trumpista, comparando a presidência do destituído a um ‘teatro de fracasso’.

Anteriormente, só depois de muita pressão desses trumpistas foi que McCarthy encaminhou na Câmara o “pedido de impeachment contra Biden”.

No final de semana, no último minuto, McCarthy e o governo Biden chegaram a um acordo para evitar o “shut down” (fechamento) do governo, através da aprovação de um orçamento-tampão de 45 dias.

Válido até 17 de novembro, no acordo os republicanos abriram mão provisoriamente de mais verbas para a repressão aos imigrantes na fronteira sul e de novos cortes de gastos,

Síria condena “ataque perpetrado por bandos terroristas apoiados pelos EUA”

“Como parte dos ataques brutais perpetrados por grupos terroristas bancados pelos Estados Unidos visando desestabilizar a situação na Síria, organizações terroristas, nesta quinta-feira (dia 5), atingiram uma cerimônia de graduação na Academia Militar de Cadetes de Homs, através de drones, tirando vidas e ferindo dezenas de pessoas entre civis e militares”, denunciou o Ministério do Exterior da Síria.

“A República Árabe Síria condena, nos mais firmes termos, este crime hediondo, denunciando que seus perpetradores ultrapassaram todos os limites em seus métodos sangrentos dos quais o povo sírio tem sofrido por muitos anos”, acrescenta o Ministério.

A representação da Síria na ONU exigiu do Conselho de Segurança a condenação do ataque covarde e a aplicação de resoluções internacionais no combate a este e outros ataques terroristas.

A Liga Árabe condenou a agressão e destacou a necessidade do combate conjunto ao terrorismo: “A Liga Árabe condena o vergonhoso ataque terrorista direcionado com a Academia e que resultou em grande número de perdas e de pessoas feridas”, diz a declaração de seu Secreta-

enquanto os democratas concordavam em que não haveria nenhum dinheiro no orçamento-tampão para financiamento da guerra por procuração de Biden na Ucrânia contra a Rússia. Mais democratas votaram a favor do que republicanos.

Os trumpistas preferiam o fechamento do governo, pensando no desgaste de Biden a um ano das eleições presidenciais, e também exigiam mais cortes nos programas sociais e mais verbas para “a fronteira sul”. Com o empenho de Biden de manter a guerra na Ucrânia, insistentemente surgiram rumores de que McCarthy iria pôr em votação, nesta semana, em outro projeto, o dinheiro para Kiev.

Quando a corda estourou na segunda-feira, McCarthy chegou ontem a falar à noite com o líder da minoria democrata, asseverando a repórteres que “nada lhe fora pedido” e que “nada concedera”.

Segundo o portal Político, McCarthy foi “um pouco mais específico” numa conversa com a imprensa no final da manhã, dizendo que não se envolveria em algum tipo de acordo de partilha de poder com os democratas para garantir os seus votos: “Isso não funciona”. E acrescentara: “se cinco republicanos ficarem com os democratas, então estou fora”.

De acordo com a CNN, agora a Câmara precisa eleger um novo presidente, “mas não está claro sobre quem teria o apoio necessário para ganhar”. O próprio McCarthy poderá se relançar candidato.

McHenry, o interino que terá que encabeçar esse processo, está cumprindo seu 10º mandato de deputado federal e preside o comitê de Serviços Financeiros da Câmara. Antes de ser eleito parlamentar, McHenry trabalhou na campanha a presidente de W. Bush em 2000.

Abordando a confusão, a deputada democrata Alexandria Ocasio-Cortez disse à CNN no domingo que “não cabe aos democratas salvar os republicanos de si mesmos, especialmente”. Ela acrescentou que não pretendia “votar num presidente republicano da Câmara” e que cabia à Conferência Republicana “determinar a sua própria liderança e lidar com os seus próprios problemas”.

Ela acrescentou que “certamente” votaria para remover McCarthy, assinalando que outros democratas provavelmente também o fariam “a menos que haja uma conversa real entre as bancadas republicana e democrata e a liderança republicana e democrata” sobre o que significaria apoiar um presidente republicano da Câmara. “Mas não acho que abrimos mão do voto de graça”, concluiu a democrata.

“Como parte dos ataques brutais perpetrados por grupos terroristas bancados pelos Estados Unidos visando desestabilizar a situação na Síria, organizações terroristas, nesta quinta-feira (dia 5), atingiram uma cerimônia de graduação na Academia Militar de Cadetes de Homs, através de drones, tirando vidas e ferindo dezenas de pessoas entre civis e militares”, denunciou o Ministério do Exterior da Síria.

“A República Árabe Síria condena, nos mais firmes termos, este crime hediondo, denunciando que seus perpetradores ultrapassaram todos os limites em seus métodos sangrentos dos quais o povo sírio tem sofrido por muitos anos”, acrescenta o Ministério.

A representação da Síria na ONU exigiu do Conselho de Segurança a condenação do ataque covarde e a aplicação de resoluções internacionais no combate a este e outros ataques terroristas.

A Liga Árabe condenou a agressão e destacou a necessidade do combate conjunto ao terrorismo: “A Liga Árabe condena o vergonhoso ataque terrorista direcionado com a Academia e que resultou em grande número de perdas e de pessoas feridas”, diz a declaração de seu Secreta-

Trabalhadores da saúde norte-americanos entram em greve contra perdas salariais

75.000 trabalhadores da prestadora de serviços de saúde, Kaiser Permanente, incluindo médicos, enfermeiros, técnicos de UTIs e farmacêuticos, entraram em greve nesta quarta-feira (dia 4) nas centenas de hospitais nos Estados da Califórnia, Colorado, Washington, Oregon, Virgínia e na capital, Washington DC.

E a maior greve do setor de Saúde da história dos Estados Unidos, segundo os sindicatos.

Com cartazes com dizeres como “Necessidade dos Pacientes, Não Ganância Corporativa”, os trabalhadores realizaram piquetes nas portas dos centros da Kaiser nestes Estados.

A greve deve durar até o sábado, à exceção dos atendimentos na Virgínia e em Washington DC que



Ato de trabalhadores na frente da Kaiser em LA

está prevista para se estender por 24 horas.

Os funcionários reclamam das perdas salariais que já estão em 40% e também das condições cada vez mais duras de trabalho, pois as equipes foram diminuindo desde a pandemia do Covid-19,

à medida que os médicos e enfermeiros foram sendo mais exigidos, tanto assim que muitos deixaram o emprego, diante das perdas salariais e onde o grupo atende hoje em torno de 13 milhões de filiados ao sistema de saúde privado.

Veto ilegal de Israel à criação do Estado Palestino impede a Paz



Começa a circular o trem de alta velocidade Jacarta-Bandung (CRRC)

Indonésia inaugura primeiro trem de alta velocidade numa parceria com a China

A Indonésia inaugurou a primeira ferrovia de alta velocidade no Sudeste Asiático, que liga a capital, Jacarta, com a cidade de Bandung e é capaz de acelerar a uma velocidade de 350 quilômetros por hora. A ferrovia faz parte da Iniciativa Cinturão e Estrada, um programa de 10 anos de projetos de infraestrutura proposto e apoiado pela China, mais conhecido como “Nova Rota da Seda”.

“O trem Jacarta-Bandung é um exemplo da modernização do nosso eficiente sistema de transporte”, sublinhou o presidente indonésio, Joko Widodo, na cerimônia de início da operação comercial, na segunda-feira (2).

O TAV tem capacidade para 601 passageiros e reduz a viagem de 3,5 horas no trem tradicional para 40 minutos. A ferrovia foi batizada como Whoosh (abreviação de Waktu Hemat, Operasi Optimal, Sistem Hebat, literalmente “Economia de tempo, operação ideal, sistema excelente”) e percorre cerca de 140 quilômetros entre Jacarta e Bandung na província de Java Ocidental, tendo várias paradas, incluindo Halim, Karawang, Padalarang e Tegalluar.

O trajeto inclui 15,6 quilômetros de túneis — são onze — e 53,5 quilômetros de vias elevadas.

Trata-se de um projeto histórico no âmbito da Iniciativa Cinturão e Rota (BRI, na sigla em inglês), observou o jornal Global Times. A Indonésia é a maior economia da ASEAN, a associação econômica dos países do sudeste asiático. Bandung, a outra ponta da linha, é a cidade que sediou a histórica conferência de 1956 com os líderes do Terceiro Mundo.

O desenvolvimento e operação da ferrovia de alta velocidade cabe ao consórcio sino-indonésio Kereta Cepat Indonésia-China (KCIC). A China Railway No.4 Engineering Group participou da construção da ferrovia.

Porta-voz da China Railway No.4 Engineering Group disse ao Global Times em setembro que o número de passageiros do TAV poderia exceder 10 milhões de passageiros no primeiro ano de operação.

De 7 a 30 de setembro, a ferrovia de alta velocidade realizou operações experimentais, tendo oferecido viagens gratuitas. Anteriormente, houve testes durante a cúpula do G20 em Bali de 2022 e, este ano, durante a recente cúpula da Asean. Próprio.

A inauguração da ferrovia de alta velocidade foi calorosamente recebida pela população indonésia, que a vê como um símbolo de orgulho nacional e um sonho tornado realidade.

Leia mais no site do HP



Explosão de míssil do Hamas em Israel e bombardeio israelense à Faixa de Gaza

Estabelecer o Estado Palestino é a saída para o conflito, afirma porta-voz da China

Diante dos “conflitos feroces entre Israel e os grupos armados palestinos na Faixa de Gaza”, a China exortou no domingo (8) ao “fim imediato às hostilidades para proteger os civis e evitar maior deterioração da situação”.

“A recorrência do conflito mostra mais uma vez que a paralisação prolongada do processo de paz não pode durar”, advertiu Wang Wenbin, porta-voz do ministério das Relações Exteriores da China.

A saída fundamental do conflito — reiterou — reside “na implementação da solução de dois Estados e no estabelecimento de um Estado independente da Palestina”.

A China chamou a comunidade internacional a agir com a maior urgência pela “rápida retomada das conversações de paz entre a Palestina e Israel” que alcance “uma paz duradoura” e declarou que continuará trabalhando incansavelmente para esse fim.

O ataque do Hamas — acrescentou o porta-voz — é um “lembrete severo” de que “a ‘onda de reconciliação’ no Oriente Médio não durará ao fim do conflito Palestina-Israel sem solução”.

O “lembrete” se refere à atual ação do governo Biden para pressionar a Arábia Saudita para reconhecer Israel à revelia dos ‘Dois Estados’, desdobrando a política dos ‘Acordos de Abraão’, desencadeada pelo governo Trump, para facilitar a Israel a imposição de um bantustão no lugar da Palestina

“Governo fascista israelense é responsável por esta perigosa escalada”, afirma o PC de Israel

O Partido Comunista de Israel (PCI) advertiu que “os crimes do governo fascista de direita de Israel, destinados a manter a ocupação, estão conduzindo a uma guerra regional” e exortou a “deter a escalada”.

O PCI expressou suas condolências “às famílias das vítimas da ocupação — tanto árabes como judeus”, após reiterar sua “condenação inequívoca de qualquer ataque a civis inocentes”. O partido apelou a todas as partes a “retirarem os civis do ciclo de violência”.

O PCI “considera o governo fascista de Israel responsável pela escalada extremamente perigosa das últimas horas, que custou a vida a muitos civis inocentes”, enfatiza o comunicado divulgado em Haifa no sábado (7).

Os comunistas israelenses denunciaram que “na semana passada, os colonos apoiados pelo governo causaram estragos nos territórios ocupados, profanando Al-Aqsa e fazendo pogrom nas ruas de Huwara”.

“Desde esta manhã, assistimos a uma grave escalada das hostilidades que correm o risco de se transformar numa guerra regional. A ameaça de tal guerra foi persistentemente alimentada pelas ações deste governo de direita desde o seu primeiro dia”, afirma o comunicado.

O PCI advertiu que “os con-



Wang Wenbin, porta-voz do Ministério de Relações Exteriores da China (foto: reprodução youtube)

independente, através da chantagem e suborno sobre governos árabes. Ou seja, a perpetuação do apartheid sobre os palestinos.

RIAD: “FIM DA ESCALADA”

Por sua vez o Ministério de Relações Exteriores da Arábia Saudita pediu a interrupção da escalada entre o grupo Hamas e as forças de ocupação israelense, clamando à proteção dos civis e à moderação.

Riad convocou a comunidade internacional a “assumir suas responsabilidades”, reiterando alertas anteriores sobre os “perigos de uma explosão da situação” devido “à contínua ocupação e privação dos direitos legítimos do povo palestino”, bem como às “provocações sistemáticas contra seus santuários”,

A Arábia Saudita exortou à ativação de um “processo de paz crível que leve a uma solução de dois estados — ou seja, reconhecendo a legitimidade do Estado Palestino —, visando a segurança e a paz na região, bem como a proteção dos civis”.

Neste domingo (8), o atual conflito entrou no segundo dia. O último balanço das autoridades indica que ao menos 920 pessoas morreram, sendo 600 em Israel, 313 na Faixa de Gaza e 7 na Cisjordânia. São milhares os feridos. Por iniciativa do Brasil, o Conselho de Segurança da ONU se reúne para deter a escalada. A convite do ministro das Relações Exteriores da Rússia, Sergei Lavrov, o secretário-geral da Liga Árabe, Ahmed Aboul Gheit, chegou a Moscou para conversações.



Bombas de Israel lançadas contra prédios em Gaza no sábado (7). Punição coletiva inclui corte de energia e água

tecimentos de hoje indicam a direção perigosa para a qual Netanyahu e os seus parceiros no governo estão conduzindo toda a região”.

“Sublinhamos que é impossível ‘gerir’ o conflito ou resolvê-lo militarmente. Só há uma solução — lutar para acabar com a ocupação e reconhecer os direitos legítimos do povo palestino e as suas justas reivindicações”, afirma o PCI. “Acabar com a ocupação e instaurar uma paz justa é o interesse claro de ambos os povos”, acrescenta.

O PCI alerta que o governo de Netanyahu está “usando os acontecimentos para lançar um ataque vingativo contra a Faixa de Gaza e apela à comunidade internacional e aos Estados vizinhos para que intervenham imediatamente

para silenciar o rugido dos tambores de guerra e iniciar uma solução política”.

O partido também manifestou sua preocupação com possíveis “ações de retaliação contra cidadãos palestinos em Israel, especialmente os que vivem nas cidades comuns e nas aldeias não reconhecidas de Al-Naqab/Negev”. Estes últimos — destaca — já pagaram um preço elevado pela negligência com que o Estado os trata.

“Perante esta realidade, as forças sãs em Israel, tanto judeus como árabes, devem erguer uma voz clara contra qualquer tentativa de incitar à violência contra grupos ou de fazer justiça pelas próprias mãos”, conclamou o PCI.

Leia a íntegra no site do HP

Brasil convoca reunião de emergência do Conselho de Segurança da ONU, pede fim à escalada e volta à negociação com base nas resoluções das Nações Unidas

O Brasil, que preside o Conselho de Segurança da ONU neste mês de outubro, anunciou no sábado (7) a convocação de uma reunião de emergência do órgão, para discutir a escalada no Oriente Médio. Ataque do Hamas e retaliação do regime Netanyahu deixam 298 mortos e 2500 feridos no primeiro dia.

A operação do Hamas desde Gaza, com o lançamento de 5 mil foguetes e ações por terra, na operação “Tormenta de Al Quds”, causou 100 mortos e 900 feridos. E o bombardeio de Gaza por Israel com dezenas de aviões de guerra israelenses matou pelo menos 198 palestinos e feriu mais de 1600. O ataque surpresa ocorre nos 50 anos da Guerra do Yom Kippur.

A Rússia fez um apelo a “cessar-fogo e paz imediatos”, disse o vice-ministro das Relações Exteriores, Mikhail Bogdanov. Ele reiterou que os acontecimentos em Israel são uma “recaída do conflito que está em curso há 75 anos”. O processo de paz entre os dois lados deve recomeçar “imediatamente” com base nos tratados internacionais existentes, disse Bogdanov. “Não houve negociações e este é o resultado”, acrescentou. Moscou revelou estar em contato com Israel e com países árabes.

O presidente palestino, Mahmoud Abbas, disse no sábado que o povo palestino tem o direito de se defender contra as “violações israelenses”, registrou a agência de notícias chinesa Xinhua. A declaração foi feita durante reunião de emergência da liderança palestina em Ramallah.

A Turquia conclamou as partes a “agir com moderação, à luz dos acontecimentos em Israel nesta manhã”. “Pede para os atores se manterem longe de medidas impulsivas que irão aumentar a tensão”, segundo o próprio presidente Recep Erdogan.

O Egito anunciou que está em comunicação “intensa” com seus pares e autoridades internacionais para “interromper a escalada em curso”, conforme comunicado do ministro das Relações Exteriores, Sameh Shoukry.

A Arábia Saudita disse que está acompanhando de perto a situação “sem precedentes” e apelou “a ambos os lados para parar imediatamente a escalada”. O Ministério das Relações Exteriores saudita disse num comunicado que repete “alertas anteriores sobre os perigos de a situação explodir, como resultado da ocupação contínua e da privação do povo palestino dos seus direitos legítimos”.

Por sua vez, o primeiro-ministro indiano Narendra Modi postou no X (antigo Twitter) mensagem em que afirma que o povo da Índia se solidariza com Israel “neste momento difícil”.

Estados Unidos e União Europeia correram a declarar seu “repúdio ao terrorismo” e apoio a Israel, sem fazerem qualquer contraponto à recusa de Israel de cumprir a resolução 242 da ONU que exige a retirada dos territórios ocupados em 1967 e as resoluções que rechaçam o roubo de terra palestina pelos “colonos” supremacistas, ou ao apartheid cometido contra a população

palestina na Cisjordânia invadida. Em seu comunicado, a Casa Branca disse condenar o que descreveu como “ataques não provocados por terroristas do Hamas contra civis israelenses”.

“ACORDOS DE PAZ”

Em nota, o Brasil condenou a escalada, instou todas as partes envolvidas a exercerem máxima contenção e reiterou seu compromisso com a solução de dois Estados, onde Palestina e Israel possam conviver em paz, em fronteiras acordadas e internacionalmente reconhecidas.

“O Brasil lamenta que em 2023, ano do 30º aniversário dos Acordos de Paz de Oslo, se observe deterioração grave e crescente da situação securitária entre Israel e Palestina”, observa a nota, que também pede “urgência na busca pela resolução da questão israelo-palestina” e expressa solidariedade as famílias das vítimas.

De acordo com relatos da mídia israelense, os combatentes do Hamas capturaram uma delegacia de polícia em Sderot. Vídeos postados nas redes sociais mostram soldados e colonos mortos ou capturados. Há também imagens e fotos do que parece ser um tanque israelense em chamas e palestinos comemorando a apreensão de um veículo militar Humvee fabricado nos EUA. A milícia do Hamas teria tomado sete assentamentos, entre esses, Beerli e Netiv HaAsara.

O Centro Médico Soroka, na cidade de Beer-sheba, no sul de Israel, disse que estava tratando pelo menos 280 vítimas, das quais 60 em estado grave. O Hospital Barzilai em Ashkelon, perto de Gaza, disse estar tratando 182 feridos, incluindo 12 em estado crítico.

O comandante militar do Hamas, Mohammad Deif, disse em um comunicado que o ataque de sábado foi uma retaliação pela “profanação” da mesquita Al-Aqsa em Jerusalém por Israel — o terceiro local mais sagrado do Islã, que é controlado pelas forças de ocupação israelenses. Ele também culpou Israel por matar e ferir centenas de palestinos só neste ano.

O regime Netanyahu indubitavelmente tentará usar o ataque do Hamas de pretexto para buscar ‘soldar’ a muito dividida sociedade israelense, que há meses luta contra seu intuito de submeter o poder judiciário. Ele, para fugir da condenação por corrupção; seus aliados, para institucionalizarem de vez o apartheid em Israel e o roubo de terras cometido pelos ‘colonos’ à revelia da lei internacional.



Bombas de Israel em Gaza

Japão joga 2ª remessa de água de Fukushima no mar

Apesar da oposição internacional e, particularmente, a repulsa dos países vizinhos, o Japão começou nesta quinta-feira a liberar uma segunda rodada de águas residuais contaminadas com energia nuclear da central nuclear de Fukushima Daiichi ao Oceano Pacífico, informou a agência local Kyodo.

Especialistas chineses alertaram que esta medida irresponsável não só prejudicará ainda mais a reputação internacional do Japão, mas também continuará a corroer as suas exportações para a China e outros países e a desencorajar viagens para o Japão.

A operadora da usina Tokyo Electric Power Company Holdings (TEPCO) argumentou que concluiu inspeções após o processo inicial, que foi concluído em 11 de setembro, e não encontrou motivos para alterar os procedimentos. Durante a primeira rodada, a empresa informou que foram liberadas 7.788 toneladas de água armazenadas em 10 tanques dentro das instalações da usina, segundo o Japan Times.

Na segunda rodada, aproximadamente a mesma quantidade de água deverá ser liberada ao longo de 17 dias, confirmou a concessionária. A TEPCO acrescentou que a água tratada é armazenada em mais de 1.000 tanques, sem

outros detalhes.

Em março de 2011, um tsunami atingiu a central nuclear de Fukushima Daiichi, destruindo instalações de energia e de refrigeração, resultando na fusão do combustível nuclear em três reatores, na destruição dos seus navios, em explosões e na libertação de grandes quantidades de material radioativo.

Até o momento, o território da central e arredores praticamente tem sido limpos. No entanto, para esfriar os fragmentos de combustível nuclear continuamente é despejada água nos reatores destruídos, fluindo através de lacunas com forte contaminação radioativa.

O material é tratado, mas depois dos procedimentos ainda contém trítio, que não pode ser removido. Mais de 1,34 milhão de toneladas de água já se acumularam no território da usina nuclear, enchendo mais de 1.040 tanques de aço. O governo japonês decidiu anteriormente liberar gradualmente essa água “tratada” no oceano. Esta operação levará de 30 a 40 anos, assinalou o Global Times.

Sabe-se que mesmo a presença de uma baixa concentração de trítio — uma substância radioativa — na água aumenta o risco de câncer em mais de 500%, esclareceu o oceanógrafo da Universidade Estadual de Moscou, Sergei Mukhametov.

Leia mais no site do HP

Observações sobre o racismo (parte 3)

Continuação da edição anterior

O Brasil é um país diferente dos EUA – o que não é propriamente uma novidade. Notemos que, mesmo nos EUA, o identitarismo (ou, na expressão de Haider, a política identitária) tende a isolar a massa dos negros da sociedade norte-americana para mais facilmente submetê-la

CARLOS LOPES

se o leitor nos permite avançar um pouco na obra de Guerreiro Ramos quanto a essa questão, talvez um pouco além do problema racial:

“A industrialização constitui categoria cardinal da sociologia, especialmente da latino-americana. É, essencialmente, e sobretudo nos países da periferia econômica, um processo civilizatório, isto é, aquele mecanismo por meio do qual se operam as mudanças quantitativas e qualitativas nas estruturas nacionais e regionais. Estas estruturas só alcançam alto grau de civilização mediante o desenvolvimento industrial” (p. 145).

“... a melhoria das condições de vida das populações latino-americanas está condicionada à industrialização” (p. 148).

9

A discussão sobre o racismo é, portanto, no Brasil, uma discussão sobre a revolução nacional – ao fim e ao cabo, sobre a nacionalidade.

O que deveria ser apenas lógico, no sentido mais simples da palavra. É evidente que é impossível unir o povo, a nação, sem combater e superar o racismo. A própria revolução nacional, a plenitude da nacionalidade, é impossível sem o combate e a superação do racismo.

Daí o prejuízo imenso das tendências “identitaristas” (ou “multiculturalistas” ou “pós-modernistas” ou lá que nome tenham) para a luta contra o racismo.

É bastante peculiar que os defensores dessas tendências – e mesmo os que não são defensores, mas são defensivos em relação a elas – procurem ocultar-se atrás do curioso argumento de que a luta dos negros contra o racismo não é uma luta identitária.

Realmente, não é mesmo. No Brasil ou em algum outro país do mundo – como mostram os exemplos de Martin Luther King Jr., Nelson Mandela, e, em época anterior, Frantz Fanon.

Mas, se é assim, por que encerrar essa luta e aborá-la de modo “identitário”?

Já chegaremos ao que denominamos, aqui, “modo identitário”. Antes, diremos que o mesmo argumento tem outra forma: a alegação de que “não existe contradição” entre a luta identitária e a luta geral, social, política, estratégica do conjunto do povo e da humanidade.

Infelizmente, a contradição existe – e é antagonica. Pois uma é a negação da outra.

Aqui, é necessário ser mais preciso: o “identitarismo” não é uma afirmação da identidade negra (ou feminina ou gay).

Ele é, antes de tudo, uma negação da identidade nacional.

O próprio Silvio Almeida escreveu um excelente texto sobre o assunto, em seu prefácio ao livro de Asad Haider. Nele, escreve Silvio Almeida: “O identitarismo é uma das formas assumidas pela ideologia neoliberal, que cultua o hiperindividualismo, o empreendedorismo, as ‘metas’ e que, ao mesmo tempo, justifica a destruição do valor da solidariedade e dos mecanismos estatais de proteção social. Com isso, fica aberto o espaço para o extermínio da população negra e indígena e para o encarceramento em massa

como métodos de controle da pobreza” (v. Asad Haider, **Armadilha da Identidade: raça e classe nos dias de hoje**, trad. Leo Vinicius Liberato, Veneta, 2019, p. 18).

De pleno acordo. E, exceto por uma alegação duvidosa contra o que ele chama de “esquerda dita tradicional e pretensamente revolucionária”, esse prefácio é, se podemos assim nos expressar, modelar; ainda que o seu autor não explicita o choque com a questão nacional. Mas ele está implícito na argumentação que reproduzimos.

O livro de Haider é uma análise sagaz do que significa o identitarismo norte-americano, usado por uma burguesia negra para explorar o proletariado negro.

Nas palavras desse autor: “... defino a política identitária como a neutralização de movimentos contra a opressão racial. É a ideologia que surgiu para apropriar esse legado emancipatório e colocá-lo a serviço do avanço das elites políticas e econômicas” (Asad Haider, **op. cit.**, p. 37, itálico no original).

E, mais adiante, de maneira mais explícita:

“A desagregação tornou possível a empresários e políticos negros entrarem na estrutura de poder americana numa escala que não havia sido possível anteriormente. E essas elites foram capazes de usar a solidariedade racial como meio de encobrir suas posições de classe. Se eles dissessem representar uma comunidade racial unitária com um interesse unificado poderiam suprimir as demandas dos trabalhadores negros, cujos interesses eram, na realidade, totalmente diferentes dos deles” (Asad Haider, **op. cit.**, p.p. 43-44).

“Na academia e nos movimentos sociais, nenhuma contestação séria surgiu contra a cooptação do legado antirracista. Intelectuais e ativistas permitiram que a política fosse reduzida ao policiamento da nossa linguagem, à questionável satisfação de provocar culpa nos brancos, enquanto as estruturas institucionais de opressão racial e econômica permanecem” (pp. 45-46).

E, sobre a essência do identitarismo:

“... a política identitária é um método individualista. Ela é baseada na demanda individual por reconhecimento, e toma essa identidade individual como ponto de partida. Ela assume essa identidade como dada e esconde o fato de que todas as identidades são construídas socialmente. E porque todos nós temos necessariamente uma identidade que é diferente da de todos os outros, ela enfraquece a possibilidade de auto-organização coletiva. O paradigma da identidade reduz a política a quem você é como indivíduo e a ganhar reconhecimento como indivíduo, em vez de ser baseada no seu pertencimento a uma coletividade e na luta coletiva contra uma estrutura social opressora” (pp. 49-50).

Depois de demonstrar como, com Barack Obama, a política identitária se mostrou “ineficaz” (isto é, favorável à elite imperialista branca), Haider faz uma consideração sobre a vida política dos EUA:

“A classe política negra ascendeu no contexto de crise econômica, desindustrialização e crescimento do desemprego dos anos 1970. Uma política concebida unicamente em termos de



unidade racial impossibilitava qualquer contestação estrutural ao imperativo capitalista e sua transferência dos custos da crise econômica ao trabalhador. Os políticos negros facilitaram a ofensiva dos patrões, voltando-se contra os elementos da classe trabalhadora que eram parte da sua base de apoio” (pp. 107-108).

Isto é o que se pode dizer, brevemente, sobre o identitarismo norte-americano, do qual o daqui é – contra as advertências, entre outros, de Clóvis Moura e Guerreiro Ramos – uma importação.

10

O Brasil é um país diferente dos EUA – o que não é propriamente uma novidade.

Notemos que, mesmo nos EUA, o identitarismo (ou, na expressão de Haider, a política identitária) tende a isolar a massa dos negros da sociedade norte-americana para mais facilmente submetê-la.

O mandato de Obama foi, nesse sentido, um exemplo: qual o avanço que os negros norte-americanos conquistaram durante os oito anos deste mandato de um negro na Casa Branca?

Muito mais avanços eles obtiveram durante a época de Martin Luther King Jr., quando o objetivo do movimento dos negros – que não era somente dos negros, mas também dos brancos progressistas – era transformar o conjunto da sociedade dos EUA.

Reduzidos ao identitarismo, os negros norte-americanos viram-se acuados em um gueto – e, o que é pior, sem consciência desse gueto. Ainda nas palavras de Haider:

“O que poderia ser mais conveniente para um político negro recém-eleito, doído para angariar as graças dos donos do poder econômico, do que reduzir a política à identidade? As políticas neoliberais poderiam assim ser implementadas com um carimbo de aprovação nacionalista, qualquer crítica facilmente silenciada como capitulação ao racismo branco” (p. 109).

11

Muitos ativistas, companheiros e observadores enfatizaram como, no Brasil, o identitarismo (estamos aqui falando da política identitária no movimento negro ou supostamente antirracista) parece dirigido contra os brancos.

Trata-se de algo completamente contra a nossa história, que tem em Luiz Gama, sua entrada no Partido Liberal, depois no Partido Republicano, sua aliança com os brancos progressistas do Império (e com alguns não muito progressistas), sua luta pela república, um de seus pontos mais altos (v., sobre

Luiz Gama, p. ex., Elciene Azevedo, **Orfeu de Carapinha: a trajetória de Luiz Gama na imperial cidade de São Paulo**, Unicamp, 1999; e, também, a importantíssima coletânea organizada por Lígia Fonseca Ferreira, **Com a Palavra, Luiz Gama: poemas, artigos, cartas, máximas**, Imprensa Oficial, São Paulo, 2011).

O percurso de Luiz Gama é, em tudo, oposto ao identitarismo. Seu objetivo, sua ação política, a frente política que procurava cimentar, e que acabou por ser vitoriosa após sua morte, tinham por objetivo a transformação da sociedade brasileira – o que incluía os negros escravizados, mas também os brancos, assim como os negros e mestiços que não estavam sob escravização.

O leitor pode ter a medida do que afirmamos nos dois livros que acima citamos – ou nas obras completas de Gama, que estão sendo publicadas pela Editora Hedra.

Ao contrário do que pretendia – no pensamento e na ação – Luiz Gama, o identitarismo é uma redução do movimento supostamente antirracista à uma suposta identidade negra (não estamos examinando, aqui, outras formas de identitarismo).

Entretanto, na medida em que procura operar essa redução, o identitarismo é uma negação da própria identidade nacional – portanto, da própria identidade negra, com uma trágica consequência: se ele predominasse nos países dependentes de maioria negra, como o Brasil, seria fatal para a sua luta de libertação do imperialismo.

A vinculação entre racismo e imperialismo foi bem sintetizada por uma autora norte-americana. Referindo-se ao fim do século XIX, época em que o capitalismo norte-americano tornou-se imperialista, expandindo-se “para Filipinas, Havaí, Cuba e Porto Rico”, escreve Angela Davis:

“As mesmas forças que tentavam subjugar as populações desses países eram responsáveis pela deterioração da situação da população negra e de toda a classe trabalhadora nos Estados Unidos. O racismo alimentava essas iniciativas imperialistas, ao mesmo tempo que era condicionado pelas estratégias e apologéticas do imperialismo” (cf. Angela Davis, **Mulheres, Raça e Classe**, trad. Heci Regina Candiani, Boitempo, 2016, p. 123).

Angela Davis é plenamente consciente de que o racismo tem como efeito uma divisão na classe operária, que a enfraquece na luta contra a burguesia imperialista – e por uma sociedade diferente – ao separar negros e brancos (v. p. 193 do livro acima citado).

Se assim é nos EUA, imaginemos em um país oprimido e explorado como o Brasil. Aliás,

até sobre os EUA, país imperialista, diz, numa entrevista, Angela Davis:

“Temos de nos livrar do pensamento identitário estreito se quisermos encorajar as pessoas progressistas a abraçar tais lutas como se fossem delas próprias” (cf. Angela Davis, **A Liberdade É Uma Luta Constante**, trad. Heci Regina Candiani, Boitempo, 2018, p. 40).

Essa é a questão: Luiz Gama queria que a sociedade – isto é, **inclusive os brancos que eram nela dominantes** – assumissem a Abolição da escravatura e a República como uma luta sua. E, é forçoso concluir, apesar de seu falecimento em 1882, ele conseguiu, seis anos (Abolição) e sete anos (República) após completar sua vida física.

Voltemos, então, ao tema do primeiro parágrafo desta nota: como algumas parcelas do movimento dito antirracista parecem voltar-se contra a “sociedade branca” e contra os “brancos”.

12

Trata-se mais de um sintoma – no sentido de manifestação doentia – do que de uma política consciente.

Com esses ataques à “sociedade branca” ou aos “brancos”, procura-se negar a própria história do país de que fazemos parte – e, portanto, o próprio país, a própria nação.

E antes que se entenda mal o que acabamos de dizer: não estamos postulando que a história, o país e a nação sejam constituídos pelos brancos ou principalmente pelos brancos. Mas é evidente que o ataque a eles – algo, aliás, bastante superficial, por mais agressivo que seja – é um ataque de uma parte da sociedade contra a identidade nacional.

Pois o que chamamos de identitarismo não é uma simples afirmação de identidades particulares (negra, feminina, gay, etc.), mas uma negação de uma identidade maior – a identidade nacional.

Exatamente uma negação daquela identidade na qual podem – e devem – ser resolvidas as dificuldades inerentes a identidades particulares.

Não é, também, uma novidade. Até um intelectual antimarxista (ou seja, anticomunista) como Antonio Risério, percebeu esse lado do identitarismo:

“Não se trata mais apenas de um separatismo negro, mas agora da afirmação de que toda nação é uma fantasia ilusória para manter os oprimidos anestesiados: é uma superidentidade para garantir a hegemonia branca. Para negar que toda nação é feita de várias nações, a dominante e as dominadas. (...) É nessa direção que multiculturalistas (...) falam em passar ao largo da cidadania



nacional, em favor de uma opção pela ‘cidadania cultural’, que é francamente grupocêntrica – vale dizer, uma ‘cidadania’ fundada na identidade de negro, de mulher ou de ‘latino’ (esta ‘etnia’ produzida pela arrogância do etnocentrismo norte-americano). ‘Cidadania cultural’ significa então uma ‘comunidade de oprimidos’ e uma recusa da nação, que não passaria de um levatã opressor, atropelando todas as diferenças. E eles conseguiram exportar isso para o planeta, generalizando a prática de torcer e distorcer a história até provar que a construção de uma nação e de um povo é sempre criminosa, implicando invariavelmente a total e cruel vitimização dos mais fracos política, econômica e/ou militarmente. Veja-se o que acontece entre nós: entre decalques e recalques, nossos movimentos negros mimetizam os movimentos negros norte-americanos. E também aqui a nação se vê sob bombardeio político-ideológico, com base em esquematismos e falsificações históricas. O objetivo maior: mostrar que não existe uma nação brasileira, mas um conjunto desconjuntado de ‘nações’ dentro de uma extensão territorial que falsamente tratamos como se fosse uma só nação. E o irônico é que isso venha à luz num momento histórico e social em que a sociedade brasileira atingiu o seu mais alto grau de homogeneidade cultural” (cf. Antonio Risério, **A negação da nação**, in Risério [org.], **A Crise da Política Identitária**, Topbooks, 2022, pp. 519-520).

Um pouco depois, no mesmo texto:

“... é muito curioso notar como os discursos do neoliberalismo e do multiculturalismo se dão firmemente as mãos em seu propósito antinacional. São discursos que brotam do solo ou do horizonte comum da globalização, irmanando ativistas e grandes empresários. De uma parte, a burguesia internacional ou, para dizer de um modo mais geral, as elites globalizadas não querem saber de falar de nação. Querem se descolar de territórios, abolir fronteiras, transcender limites. (...) De outra parte, e na mesma direção, temos a mencionada noção identitária de ‘cidadania cultural’ (uma ‘comunidade de oprimidos’) esforçando-se para substituir a de cidadania nacional. (...) As duas ideologias, a do neoliberalismo e a do multicultural-identitarismo, partem de princípios e premissas distintos – para ancorar, em última análise, no mesmo propósito: a desconstrução nacional” (pp. 523-524).

Somente por curiosidade – mas uma curiosidade com fundo ideológico – transcrevemos aqui um último trecho, talvez dispensável, se estivéssemos citando algum marxista:

“Pode ser que um dia não precisemos mais da nação para nada, mas esta é uma projeção ou fantasia utópica que ainda não se encarnou no chão áspero e acidentado do real histórico. (...) pelo menos na conjuntura histórico-social em que estamos navegando, a nação ainda é peça fundamental para a nossa realização como povo. Inclusive, para a superação dos desequilíbrios de sexo e cor e, principalmente, da questão central, que é a das desigualdades sociais, independentemente de raça e de gênero” (cf. Antonio Risério, **A negação da nação**, in Risério [org.], **A Crise da Política Identitária**, Topbooks, 2022, p. 526).

Continua na próxima edição